



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Impacto do Cyber Mundo no Mundo Real

PAPEL MODERADOR DA INTELIGÊNCIA
EMOCIONAL NA RELAÇÃO ENTRE O
CYBERBULLYING E A PERFORMANCE PERCEBIDA
DOS ÁRBITROS DE FUTEBOL E FUTSAL
PORTUGUESES

MARTA ALEXANDRA CAMBÃO FERNANDES

Orientador de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR PEDRO ALMEIDA

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR PEDRO ALMEIDA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Social e das Organizações

2021

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor Pedro Almeida, apresentada no ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Social e das Organizações

AGRADECIMENTOS

Como é expectável irei começar por agradecer à minha família em especial ao meu pai, mãe e tia porque sem eles esta aventura não seria possível.

Agradecer também às minhas amigas e colegas, Beatriz Rato, Ana Caldeira e Mária Figueiredo pelo apoio ao longos destes 5 anos cheios de memórias que levarei para a vida. À minha Inês Ferrão não por ter sido uma colega excepcional, mas pela amizade à prova de bala que construímos. Nunca conseguirei expressar por palavras o quanto estou agradecida por tudo o que fizeste por mim ao longos destes 5 anos, mas em especial neste último ano.

Aos meus padrinhos académicos, Ana Rita Cerqueira e Luís Simões por terem tornado a minha vida académica uma animação e pelos conselhos dados ao longo dos anos. Aos meus afilhados, Nadine Karmali, Catarina Tavares, Marta Clemente, Pedro Anjos, Patrícia Gonçalves, Maria Inês Fernandes e Rita Ferrer por serem as 7 cores do meu arco-íris e por terem colorido a minha vida.

A minha linda Inês Santos por ter entrado nesta loucura comigo, pelo companheirismo e pela amizade. Ao Lutércio Castela pela paciência, ajuda e partilha de experiências.

Ao Miguel Verdugo, por ter sido uma bonita surpresa neste último ano de curso, por ter tornado esta etapa mais tolerável e divertida.

Agradecer ainda ao Prof. Pedro Almeida pelos conhecimentos importantíssimos que me transmitiu. Ao Prof. Filipe Loureiro por toda a ajuda, paciência e partilha de conhecimentos. Ao Prof. Pedro Quinteiro por ter estado sempre disponível para me ajudar. Ao ISPA, por me ter proporcionado aprender conhecimentos únicos e importantes para a minha vida profissional, mas também pessoal, por me ter feito conhecer pessoas bonitas que acrescentarem muito à minha vida. Serás sempre a minha *muy* nobre instituição.

Por fim, agradecer ao meu avôzinho que sem dúvida que estará muito orgulho de mim e que me ensinou valores que foram essenciais no meu percurso académico, esta dissertação é para ti.

O meu sincero obrigada.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo estudar a relação entre o *Cyberbullying* e a *Performance* Percebida em árbitros Portugueses de Futebol e Futsal. Adicionalmente, procurou também estudar-se a relação entre a Inteligência Emocional e a *Performance* Percebida e o papel moderador da Inteligência Emocional na relação entre o *Cyberbullying* e a *Performance* Percebida.

Este estudo contou com a participação de 398 árbitros de futebol e futsal portugueses com idades compreendidas entre os 16 anos e os 58 anos ($M = 29.82$, $DP = 8.34$), onde 350 dos participantes eram do sexo masculino e 48 participantes do sexo feminino.

Para analisar as variáveis em estudo foram utilizados três instrumentos: Para avaliar os níveis de *Cyberbullying* foi utilizado o Questionário de *Cyberbullying* – forma de comportamentos de vitimização (CCB-V) (Pinto & Cunha 2011); para avaliar os níveis de Inteligência Emocional foi utilizada a *Trait Meta Mood Scale – 24 (TMMS-24)* (Fernandez-Berrocal et al., 2004); por fim, para avaliar a *performance* percebida foi utilizado o Questionário de Percepção de Rendimento Desportivo-Versão Retrospectiva (Gomes, 2016).

Os resultados obtidos evidenciaram uma ausência de relação entre os níveis de *Cyberbullying* e a *Performance* Percebida dos árbitros (não se verificando também uma moderação pela Inteligência Emocional nesta relação), tendo, no entanto, sido observada uma relação positiva significativa entre a Inteligência Emocional e a *Performance* Percebida dos árbitros.

Palavras-Chave: *Cyberbullying*, Inteligência Emocional, *Performance*, Desporto, Árbitros.

ABSTRACT

The aim of this study was to evaluate the relation between Cyberbullying and Perceived Performance in Portuguese football and futsal referees. Furthermore, this study also tested the relation between Emotional Intelligence and Perceived Performance as well as the role of Emotional Intelligence as a moderator of the relation between Cyberbullying and Perceived Performance.

This study counted with a total of 398 Portuguese referees of both football and futsal with ages between 16 and 58 years old ($M = 29.82$, $DP = 8.34$), with 350 being male and 48 female subjects.

Three instruments were used to assess the different variables. To evaluate the levels of Cyberbullying, the Cyberbullying Questionnaire was used, based on the behavioural patterns of victimization (CCB-V) (Pinto & Cunha 2011). The Trait Metal Mood Scale was used to evaluate the Emotional Intelligence levels. Lastly, the Perception of Sports Yield Questionnaire was used to evaluate the Perceived Performance (Gomes, 2016).

Results obtained in this study evidenced a non-significant relation between the levels of Cyberbullying and the referees' Perceived Performance, with the role of Emotional Intelligence being non-significant as well. There was, however, a significant relation between Emotional Intelligence and the referees' Perceived Performance.

Key Words: Cyberbullying, Emotional Intelligence, Performance, Sports, Referees

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
REVISÃO DA LITERATURA.....	2
<i>Cyberbullying</i>	2
<i>Performance</i>	4
Inteligência Emocional.....	6
<i>Cyberbullying</i> e <i>Performance</i> Desportiva.....	8
Inteligência Emocional e <i>Performance</i>	10
<i>Cyberbullying</i> , Inteligência Emocional e <i>Performance</i>	12
MÉTODO.....	15
Amostra.....	15
Delineamento.....	15
Material.....	15
Instrumentos.....	16
<i>Questionário de Cyberbullying – forma de comportamentos de vitimização (CCB-V)</i>	16
<i>Trait Meta Mood Scale – 24 (TMMS-24)</i>	18
<i>Questionário de Percepção de Rendimento Desportivo-Versão Retrospectiva</i>	19
Procedimento.....	20
RESULTADOS.....	21
Estudo das Qualidades Psicométricas.....	22
<i>Escala Cyberbullying</i>	22
<i>Escala Inteligência Emocional</i>	22
<i>Escala Performance</i>	23
Estatística Descritiva das Variáveis em Estudo.....	24
Correlações.....	27
Teste de Hipóteses.....	28
Comparação entre Grupos.....	29

DISCUSSÃO	31
Implicações Para a Prática	33
Limitações e Estudos Futuros	33
REFERÊNCIAS	36
ANEXOS	42
ANEXO A – Questionário	43
ANEXO B – Estatística Descritiva da Amostra	55
ANEXO C – Estudo das Qualidades Métricas da Escala do <i>Cyberbullying</i>	59
ANEXO D – Estudo das Qualidades Métricas da Escala TMMS-24	62
ANEXO E – Estudo das Qualidades Métricas da Escala Rendimento	68
ANEXO F – Testes de Normalidade	71
ANEXO H – Testes de Hipóteses	74
ANEXO I – Comparação entre Grupos	81

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Escala do Cyberbullying.....	17
Tabela 2 – Escala da Performance.....	20
Tabela 3 – Estatística Descritiva das Variáveis em Estudo.....	25
Tabela 4 – Redes Sociais onde têm Perfil	26
Tabela 5 – Redes Sociais que Consultam com Mais Frequência	26
Tabela 6 – Redes Sociais a que Atribuem Mais Importância.....	27

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo Hipótese 1	10
Figura 2 - Modelo Hipótese 2.....	12
Figura 3 - Modelo Hipótese 3.....	14

LISTA DE ABREVIATURAS

CCB-V: *Cuestionario de Cyberbullying- Victimización*

TMMS: *Trait Meta Mood Scale*

QPRD: *Questionário de Perceção de Rendimento Desportivo-Versão Retrospetiva*

SPSS: *Statistical Package for the Social Sciences*

KMO: *Kaiser-Meyer-Olkin*

INTRODUÇÃO

Atualmente vivemos perante um ambiente em que as novas tecnologias estão muito presentes no nosso quotidiano.

O surgimento das redes sociais como atualmente as conhecemos permitiu aos seus utilizadores partilhar fotografias, informações pessoais, assim como interagir com outras pessoas (Cohen-Almagor, 2018). Os utilizadores ambicionam experienciar a vida no *cyber* mundo com a mesma intensidade que o fazem na vida real (Morão et al., 2020), isto representa um problema para todos os contextos, mas principalmente para o contexto desportivo, onde os sujeitos têm uma grande visibilidade.

O uso excessivo da *internet* pode resultar em ataques *online*, surgindo assim a preocupação com acontecimentos de *cyberbullying* (Cohen-Almagor, 2018). Uma vez que vítimas de *cyberbullying* podem desenvolver problemas ao nível da saúde mental (Oblad, 2019), é importante estudar este fenómeno e perceber o que se pode fazer para o combater.

No meio desportivo, o árbitro acaba por ser o centro das atenções no decorrer de um jogo (Ribeiro et al., 2012), uma vez que têm como função gerir as competições de forma imparcial (Orhan et al., 2017).

Assim, é importante consciencializar que notícias irrealistas, acusações sem fundamento, difamação, insultos resultantes de determinadas situações, montagens, desenhos animados humilhantes, entre outras coisas, quando são publicados em jornais, na *internet* ou estão presentes em anúncios podem ter implicações negativas na *performance* dos árbitros (Orhan et al., 2017).

O presente estudo tem como objetivo estudar a relação entre o *cyberbullying* e a *performance* percebida numa amostra de árbitros portugueses, assim como estudar o papel moderador da inteligência emocional nesta relação.

REVISÃO DA LITERATURA

Cyberbullying

Por vezes o contexto desportivo é caracterizado pela presença de alguma violência, essa violência é classificada de duas maneiras, violência relacional e violência não relacional (Fisher & Dzikus, 2017). Indo de encontro com o que foi dito, o *cyberbullying* é um problema relacional (Fisher & Dzikus, 2017), consistindo em ataques intencionais e injustificados efetuados de forma repetitiva, e não permitindo que as vítimas se defendam facilmente (Elife et al., 2015). O *cyberbullying* engloba o envio de mensagens ameaçadoras, insultuosas e até ameaças de morte por parte de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos, acesso ao email e às *passwords* da vítima sem que esta tenha dado o seu consentimento, engloba também o envio de fotografias da vítima sem a autorização da mesma (Orhan et al., 2018).

O *cyberbullying* desenrola-se através de computadores, *smartphones* e outros dispositivos eletrónicos (Brailovskaia et al., 2018). O mesmo pode ser praticado a qualquer hora, em qualquer lugar, o que acaba por prejudicar as vítimas, sendo que as mesmas não conseguem encontrar um local seguro para estar (Pingault & Schoeler, 2017).

Os *cyberbullies* (agressores) têm como características, problemas ao nível da autoperceção, o que conseqüentemente causa problemas na regulação emocional dos mesmos (Cohen-Almagor, 2018), são pessoas frias e manipuladoras, acabando por ser menos conscientes das conseqüências dos seus atos quando comparados com os *bullies* tradicionais (pessoas que praticam este ato presencialmente) (Cohen-Almagor, 2018). São as pessoas mais vulneráveis que acabam por estar à mercê destes agressores, sendo que são vistas como alvos fáceis (Cohen-Almagor, 2018).

No entanto, a vítima e o agressor não são os únicos participantes nestes ambientes de *cyberbullying*. Temos os assistentes, que são pessoas que acabam por se juntar ao agressor, direcionando ofensas e insultos às vítimas; temos os reforçadores, que acabam por incentivar o agressor a continuar; os observadores, que são sujeitos que se mantêm passivos face à situação, presenciam a situação mas não intervêm para ajudar a vítima; e, por fim, temos os defensores, que são intervenientes ativos que têm como objetivo proteger e apoiar as vítimas (Cohen-Almagor, 2018).

É importante referir que o *cyberbullying* é uma consequência usual e que pode ocorrer em qualquer faixa etária (Orhan et al., 2017). Pode também ocorrer em qualquer contexto, como por exemplo, no contexto da arbitragem.

Até ao momento foram poucos os estudos realizados ao nível da temática do *bullying* e *cyberbullying* no contexto desportivo (Mishna et al., 2019).

Atualmente vivemos numa era em que a maioria das pessoas está conectada com as novas tecnologias, principalmente agora com a situação pandémica e com os sucessivos isolamentos sociais a que somos sujeitos. Por esta razão, é importante salientar que o uso excessivo da *internet* pode desencadear ataques *online* (Ševčíková & Šmahel, 2009).

No contexto desportivo, tal poderá trazer algumas desvantagens, como a perda de consciência por parte dos utilizadores quando estão no *cyber* mundo, isto é, não percebem que as relações *online* não são as mesmas como as relações no fundo físico, acabam por passar demasiadas horas *online* (Morão et al., 2020b). Os utilizadores deixam-se atrair pelos conteúdos presentes no *cyber* mundo como comentários indesejados e críticas (Orhan et al., 2017). O facto dos utilizadores se “perderem” no *cyber* mundo foi estudado. Estudos realizados anteriormente demonstram que o *cyberbullying* afeta de forma negativa as suas vítimas, uma vez, sentimentos de raiva, desânimo e inquietação são observados muitas vezes nas vítimas deste tipo de crime e acabam por prejudicar a saúde mental das mesmas podendo levar até a suicídio (Orhan et al., 2017).

Estudos realizados anteriormente mostram que vítimas de *cyberbullying* em contexto desportivo apresentam sentimentos de raiva, desânimo, entre outros. Tal pode conduzir a problemas ao nível da saúde mental (Orhan et al., 2017) como, por exemplo, vergonha, baixa *performance* e, em casos extremos, abandono da modalidade que praticam (Morão et al., 2020b). Os insultos, ameaças e violência a que os árbitros estão sujeitos são a maior causa no que diz respeito ao abandono da carreira como árbitros (Rullang et al., 2017).

Um estudo levado a cabo por Ševčíková e Šmahel (2009) teve como principal objetivo perceber a frequência de acontecimentos de *cyberbullying* numa amostra constituída por indivíduos de todas as faixas etárias. Este estudo concluiu que adolescentes e jovens adultos entre os 12 e os 26 anos são vítimas de *cyberbullying* mais frequentemente quando comparados com indivíduos mais velhos.

Existe evidência que sugere que o conceito de *bullying* e de *cyberbullying* se encontram relacionados, não descartando, no entanto, a possibilidade de o *cyberbullying* ser um fator de risco independente no que concerne à saúde mental (Pingault & Schoeler, 2017). O *cyberbullying* e o *bullying* tradicional desencadeiam-se em contextos diferentes, uma vez que *cyberbullying* depende de tecnologias que há 15 anos não se encontravam disponíveis como nos dias de hoje (Pingault & Schoeler, 2017).

Fazendo então a distinção entre os dois conceitos, primeiramente, as vítimas de *cyberbullying*, na maior parte dos casos, têm como agressor um indivíduo anónimo, do qual não conhecem a identidade, o que irá dificultar o contacto presencial entre a vítima e o agressor (Pingault & Schoeler, 2017). No estudo anteriormente citado, 41.4% dos participantes desconheciam a identidade dos seus agressores (Ševčíková & Šmahel, 2009).

O facto de o agressor ter a sua identidade anónima acaba por tornar as desigualdades de poder existentes entre agressor e vítima mais difíceis de detetar (Pingault & Schoeler, 2017). O mesmo não acontece em casos de *bullying* tradicional, uma vez que a vítima pode ser facilmente dominada pela força física do seu agressor (Pingault & Schoeler, 2017).

Relativamente à força física, a mesma não apresenta qualquer papel no que diz respeito ao *cyberbullying*, no entanto, outras características, como o número de seguidores *online*, já é impactante, uma vez que no *cyber* mundo quando mais seguidores um indivíduo tiver, mais visibilidade ganha (Pingault & Schoeler, 2017).

Ainda, e relativamente ao *bullying* e ao *cyberbullying* no contexto desportivo, segundo o *Beaumont Children's Hospital* (2016), estes assumem várias formas, entre elas, fazer ameaças repetitivas à vítima; ter comportamentos violentos injustificáveis para com a vítima; criticar continuamente as capacidades da vítima; culpar a vítima pelos erros do agressor; violência física para com a vítima; enviar mensagens insultuosas e ameaçadores por meio das novas tecnologias à vítima; e, por fim, direcionar exigências ao nível da *performance* que não são possíveis de alcançar.

Performance desportiva

Relativamente à performance, será importante, numa primeira instância, começar por definir o desporto de alto rendimento. O mesmo consiste em atividades desportivas em que regras previamente estabelecidas são fundamentais (Bueno, 2008). Os objetivos do desporto de alto rendimento são a procura constante por um resultado melhor, por um recorde e por vitórias

(Bueno, 2008). Neste contexto são necessários altos níveis de dedicação e de *performance* (Bueno, 2008).

No contexto futebolístico, onde as regras estabelecidas à priori são tão importantes e fundamentais, o árbitro acaba por ser uma figura de autoridade que não pode faltar, se o mesmo não estiver presente o jogo não se irá desenrolar (González-Oya & Dosil, 2004).

A tarefa de arbitrar faz com que os árbitros se encontrem extremamente expostos a críticas e pressões por parte dos adeptos, atletas, equipas técnicas e comunicação social, uma vez que os mesmos necessitam de tomar decisões em curtos espaços de tempo e nem sempre essas decisões são bem vistas por parte dos restantes membros integrantes do jogo (Baleh & Scott, 2007). Isto faz com que os árbitros estejam mais expostos a situações negativas, como violência verbal, violência física e ameaças (Baleh & Scott, 2007).

A *performance* dos árbitros tem consequências diretas em diversos aspetos, sendo estas, a *performance* dos atletas e o resultado do jogo (González-Oya & Dosil, 2004).

Na área desportiva, os árbitros profissionais são percecionados como atletas de alto rendimento, necessitando assim de treino físico e técnico, assim como realização de testes de modo a perceber ou não se podem continuar a arbitrar competições (Velho & Fialho, 2015).

Estão presentes diversos tipos de *performance* no contexto desportivo, entre eles, *performance* física, *performance* técnica, *performance* psicológica e *performance* social. A *performance* física consiste na habilidade por parte dos atletas para se moverem em campo, de forma a realizarem as jogadas necessárias, controlarem a sua velocidade, movimentos, agilidade, resistência e explosão (Velho & Fialho, 2015). Na *performance* técnica, estão inseridos o conhecimento e compreensão de regras do jogo, estas mesmas regras devem ser lecionadas nas escolas de formação de árbitros, pois devem ficar o mais claras possível para o bom desempenho da carreira como árbitro (Velho & Fialho, 2015). A *performance* psicológica está relacionada com a tomada de decisão perante cenários conflituosos, onde a presença do árbitro é essencial (Velho & Fialho, 2015). Este tipo de *performance* tem em conta fatores psicológicos que são fundamentais para o bom desempenho da tarefa da arbitragem como, por exemplo, a estabilidade emocional, disciplina, rapidez na tomada de decisão, controlo de situações *stressoras*, entre outras (Velho & Fialho, 2015). Por fim, temos a *performance* social, que consiste na capacidade para entender que, por vezes, existem dificuldades no alcance da vitória e em conseguir fazer a gestão do tempo entre vida familiar e vida profissional (Velho & Fialho, 2015).

De acordo com a literatura existente, há evidência empírica que nos mostra que fatores psicológicos influenciam a *performance* desportiva (Garcia-Naveira & Ruiz, 2013). O êxito desportivo vai depender de diversas qualidades individuais como, por exemplo, capacidade física, fatores psicológicos, entre outros e vai depender também de fatores como o árbitro, o campo em que o jogo irá decorrer, a equipa oponente, etc. (Garcia-Naveira & Ruiz, 2013).

Com isto, podemos perceber que a *performance* pode ser influenciada por diversos fatores, esses fatores podem ser agrupados em dois polos: fatores com influência primária na *performance* dos atletas e os fatores com influência secundária na *performance* dos atletas. Os fatores primários consistem em aspetos que têm uma influência direta no que diz respeito ao alcance de uma *performance* especializada e têm em conta tudo o que o atleta utiliza para conseguir alcançar a *performance* desejada (Baker & Horton, 2004). Estes fatores primários englobam os fatores genéticos, de treino e psicológicos (Baker & Horton, 2004). Os fatores primários são influenciados pelos fatores secundários, que consistem em aspetos que são importantes para a modalidade em questão, ou seja, culturas diferentes irão dar mais importância a modalidades diferentes (Baker & Horton, 2004).

Inteligência Emocional

Falaremos agora de outra das variáveis a ser abordada no presente estudo. Poderá ser proposto que algumas variáveis psicológicas relacionadas com as características dos árbitros influenciarão o impacto do *cyberbullying* na *performance* desportiva. Uma destas variáveis será a inteligência emocional. Assim torna-se importante começar por definir o conceito de inteligência e o conceito de emoções.

A definição mais utilizada para caracterizar a inteligência é a do autor Wechsler, que define a inteligência como a habilidade do indivíduo para atuar com um propósito, de pensar racionalmente e de lidar com o contexto em que se encontra (Salovey & Mayer, 1990).

Por sua vez, as emoções são respostas organizadas que têm em conta diversos fatores – psicológicos, fisiológicos, cognitivos, motivacionais e experienciais (Salovey & Mayer, 1990). O surgimento de emoções acontece de modo a responder a um evento, sendo que este pode ser interno ou externo e, normalmente, tem significado positivo ou negativo para o indivíduo (Salovey & Mayer, 1990). É necessário fazer a diferenciação entre emoções e humor, uma vez que as emoções são mais curtas e também mais intensas (Salovey & Mayer, 1990).

O conceito de “Inteligência Emocional” foi discutido pela primeira vez por Salovey e Mayer em meados de 1990 (Cunha et al., 2016). Este conceito está intimamente ligado ao

conceito de “Inteligência Social”, falado pela primeira vez por Thorndike, que consiste na competência para compreender e gerir todo o tipo de pessoas (Cunha et al., 2016).

A inteligência emocional tem como pressuposto a habilidade para compreender e expressar as emoções, utilizar as mesmas, e ter a sabedoria para gerir emoções, não só em si próprio, como nos outros (Cunha et al., 2016). O modelo de Mayer e Salovey (Salovey & Mayer, 1990), mostra-nos as três componentes da inteligência emocional, sendo elas: a atenção, que é a capacidade de perceber as suas emoções e as emoções dos outros; a clareza, capacidade para compreender as emoções, isto é, como é que elas se misturam, não são estáveis ao longo do tempo; e, por fim, a regulação, capacidade para o indivíduo se manter aberto aos sentimentos e controlar e regular as suas emoções de maneira a potenciar a compreensão e o crescimento pessoal (Estévez et al., 2020).

A maneira como a inteligência emocional é utilizada varia de indivíduo para indivíduo. Isto porque nem todos temos a mesma habilidade para controlar as nossas emoções no campo da resolução de problemas (Salovey & Mayer, 1990).

Até ao momento, a inteligência emocional tem sido definida de duas maneiras, como habilidade e como traço (Dosseville et al., 2016). A inteligência emocional, como habilidade, consiste numa aprendizagem que pode modificar consoante a situação, a sua avaliação é feita através de testes de performance (Dosseville et al., 2016).

A inteligência emocional, vista como traço trans-situacional, tem como característica a estabilidade temporal e pode ser avaliada através de questionários (Dosseville et al., 2016). Ao longo de muitos anos estas duas formas de operacionalizar a inteligência emocional foram percebidas como distintas (Dosseville et al., 2016).

A inteligência emocional é um construto importante ao nível do contexto organizacional. É cada vez mais perceptível nos dias que correm a importância que a inteligência emocional tem, não só na nossa vida pessoal, como na nossa vida profissional, sendo até percebida como um fator de sucesso (Moreira, 2017). A inteligência emocional está correlacionada com diversos aspetos do dia-a-dia nas organizações como: escolha de carreira, relacionamentos no local de trabalho, resolução de conflitos, capacidade para saber ouvir os outros e capacidade para se expressar de forma clara de maneira a atingir os objetivos que são esperados pela organização (Moreira, 2017).

Colaboradores que apresentem maiores níveis de inteligência emocional apresentam uma visão da vida mais feliz e positiva quando comparados com colaboradores com menores níveis de inteligência emocional (Jain, 2018). São indivíduos que têm mais habilidades empáticas, preocupam-se com o outro, isto é uma característica bastante útil no que diz respeito à prevenção de conflitos no local de trabalho (Jain, 2018). Aquando uma boa compreensão das próprias emoções, existe uma maior capacidade para comunicarmos os nossos sentimentos de uma forma positiva, acabando assim por sermos capazes de nos compreender não só a nós, como aos nossos colegas, isto pode acabar por facilitar as relações em contexto laboral (Jain, 2018).

No estudo elaborado por Mayer & Caruso, 2002, demonstra que indivíduos com níveis mais elevados de inteligência emocional têm mais habilidade para construir relações mais fortes, ter uma rede social mais coesa, prestar ajuda a colegas e melhores capacidades para liderar. Este estudo demonstra que gestores com níveis de inteligência emocional superiores pensam com mais clareza e precisão em relação às suas emoções, ocupando um cargo melhor dentro da organização, uma vez que têm a capacidade para antecipar situações, assim como aplicar estratégias de resolução de problemas (Mayer & Caruso, 2002).

Relação entre Variáveis

Cyberbullying e Performance Desportiva

O desporto é dos eventos socioculturais mais importantes, chegando a quase todas as pessoas (Bressan et al., 2019). Sendo o futebol o desporto rei, a maior parte da literatura existente refere-se a essa mesma modalidade.

Olhando para este tema numa ótica psicossocial, fica claro que tanto os adeptos como as claques, aquando de um jogo de futebol, participam no mesmo com uma identidade diferente, isto é, os jogos de futebol acabam por apagar a personalidade das pessoas quando estão no meio de uma multidão que apoia o mesmo clube e isto pode resultar em situações favoráveis e outras situações desfavoráveis (Yilmaz & Karahuseyinoglu, 2017).

Por detrás destas situações desfavoráveis, está um enorme desejo de vencer por parte dos adeptos, claques e simpatizantes (Yilmaz & Karahuseyinoglu, 2017).

As ações levadas a cabo pelos árbitros como, por exemplo, as decisões que tomam, irão ter impacto nos atletas, treinadores, equipa técnica e adeptos (Bressan et al., 2019). De forma que o árbitro desempenhe corretamente a sua função, é importante ter em conta o bem-estar

físico, mas também o bem-estar psicológico, sendo que, para o bom desempenho desta função, é necessária a aplicação de regras aquando decisões difíceis, sendo estas tomadas à mercê de pressões por parte dos atletas, treinadores, adeptos e *media* (Ribeiro et al., 2012).

Sendo os árbitros elementos tão importantes durante o jogo, os mesmos podem ser alvo de pressões tanto físicas, como psicológicas, vítimas de linguagem menos correta e de ações que são vistas como injustas tanto dentro como fora do campo (Yilmaz & Karahuseyinoglu, 2017).

A visão que os adeptos têm dos árbitros não é de todo positiva, isto porque os árbitros são vítimas de estigmas relativamente ao seu comportamento, como pessoas desonestas em que as suas decisões podem ser influenciadas por interesses externos ao jogo (Bressan et al., 2019). Relativamente a isto, as decisões tomadas pelos árbitros da perspetiva dos adeptos são dúbias, e isto acaba por prejudicar a imagem da atividade de arbitragem (Bressan et al., 2019).

No decorrer da evolução tecnológica dos últimos anos, as pessoas acabam por ter mais facilidade em comunicar entre si. Os adeptos que percecionam os árbitros como culpados de algo que aconteceu no decorrer do jogo, conseguem facilmente entrar em contacto com os mesmos através das redes sociais, como o *Facebook*, *Twitter*, entre muitos outros, podendo, através das suas publicações *online*, prejudicar a saúde mental dos árbitros (Yilmaz & Karahuseyinoglu, 2017).

Assim como os árbitros, também os atletas estão expostos a estas situações, as redes sociais permitem que os adeptos e simpatizantes possam expressar a sua opinião, tanto positiva, como negativa, contudo, o abuso sofrido pelos atletas *online* tem-se tornado um grande problema (Hayes et al., 2020). Estes abusos *online*, como é o caso do *cyberbullying* são acompanhados de impactos negativos ao nível da *performance*, tanto individual como coletiva (Jewett et al., 2020), podendo causar níveis mais baixos de *performance* (Hayes et al., 2020).

Num estudo realizado por Jewett et al. (2020), de carácter qualitativo foi possível perceber que as vítimas de *bullying*, enquanto atletas, estão perante diversos efeitos, como efeitos sociais, psicológicos, emocionais e de *performance*. De acordo com o referido estudo, os atletas vítimas de *bullying* relatam que a satisfação que sentiam quando praticavam desporto diminuiu, antes de serem vítimas deste crime sentiam que a prática desportiva era uma experiência positiva, porém, depois de serem vítimas deste crime já sentem que a prática desportiva é uma experiência negativa, experienciam também sentimentos de solidão, uma vez que têm tendência para se afastar da restante equipa, apresentando também níveis baixos de

autoestima (Jewett et al., 2020). Para além de todas estas consequências vividas como desfavoráveis, o *bullying* também tem impacto na dinâmica da equipa acabando por comprometer a *performance* tanto individual como grupal (Jewett et al., 2020).

Um estudo realizado por Ackery et al. (2012) teve como objetivo estudar a violência existente contra árbitros de hóquei no Canadá, no decorrer deste estudo os mesmos relataram ser abusados a nível físico e verbal.

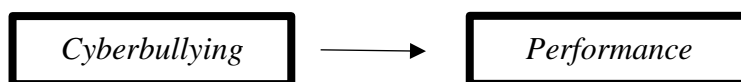
O *cyberbullying* também está presente em contexto laboral. Um estudo conduzido pela *Dignity and Work Partnership*, em contexto laboral, demonstrou que um em cada dez colaboradores no Reino Unido relata que o *cyberbullying* é um problema existente no mundo laboral: 20% dos participantes neste estudo dizem que sofreram de assédio através do seu *e-mail* e 6% dos participantes relatam ter sido vítimas de *cyberbullying* através de mensagens de texto (McQuade et al., 2009).

Com base no que consegui apurar na literatura utilizada, surgiu a primeira hipótese do presente estudo:

H1: Existe relação negativa entre o cyberbullying e a performance.

Figura 1

Modelo Hipótese 1



Inteligência Emocional e *Performance*

O contexto desportivo e a prática de uma atividade desportiva têm como base o surgimento de emoções, o que pode ter impacto no desenrolar das tarefas necessárias para atingir os objetivos desejados (Hurtado, 2017). As emoções estão relacionadas com habilidades cognitivas que podem estipular o nível de sucesso de determinada ação na prática desportiva (Hurtado, 2017).

Em contextos de alto rendimento existe uma maior preocupação no que toca aos fatores psicológicos, uma vez que os mesmos desempenham um papel muito importante a nível desportivo como, por exemplo, na *performance* dos árbitros (Cruz et al., 2019).

Devido à importância que é dada aos fatores psicológicos ao longo do tempo têm sido estudadas diversas variáveis psicológicas, como ansiedade, estados de humor, *stress*, entre outras (Cruz et al., 2019). Estes fatores têm grandes impactos na *performance* dos árbitros, uma vez que podem influenciar o bom desempenho das suas tarefas num jogo (Cruz et al., 2019).

Um estudo levado a cabo por Canton e Checa (2012) demonstra que existe uma relação entre um resultado negativo num jogo e a experiência de emoções negativas, podemos assim perceber a importância das emoções.

Segundo a literatura existente, atletas que apresentam níveis mais elevados de inteligência emocional apresentam também uma melhor *performance* (Dosseville et al., 2016). Isto acontece porque atletas que apresentem maiores níveis de inteligência emocional percecionam as competições como tarefas desafiantes, acabando assim por utilizar estratégias de *coping* adequadas, de modo a enfrentar o *stress* (Dosseville et al., 2016).

No decorrer do tempo, estudos feitos ao nível da inteligência emocional, demonstram que a mesma é um preditor de sucesso em diversos contextos como, por exemplo, altos níveis de inteligência emocional resultam numa boa *performance* académica, boa *performance* laboral, liderança desejável e bem-estar (Kopp & Jekauc, 2018).

Como nos é permitido perceber, a inteligência emocional é importante em diversos contextos e o contexto desportivo não é exceção. Os atletas necessitam de perceber as suas emoções e o seu desempenho ideal de modo que consigam fazer um controlo ao nível da energia para que possam, então, atingir a *performance* pretendida (Kopp & Jekauc, 2018).

No que diz respeito à *performance* desportiva, a inteligência emocional está correlacionada com as emoções e com a *performance* desportiva favorável (Kopp & Jekauc, 2018). Ao longo dos anos foi possível concluir que maiores níveis de inteligência emocional estão associados a uma melhor *performance* desportiva (Kopp & Jekauc, 2018).

Segundo Douglas e Carless, 2009, a *performance* desportiva de um atleta está inteiramente relacionada com o seu bem-estar psicológico, identidade e valor que atribui a ele próprio. Se o atleta não conseguir alcançar a sua *performance* desejada, o seu bem-estar mental pode ficar vulnerável.

Com base no que referi anteriormente, é proposta como segunda hipótese do estudo:

H2: Níveis de inteligência emocional estão positivamente relacionados com a performance.

Figura 2

Modelo Hipótese 2



Cyberbullying, Inteligência Emocional e Performance

Um dos aspectos decorrentes do *cyberbullying* está relacionado com as consequências que esses comportamentos podem ter nas suas vítimas, nomeadamente a nível do ajustamento emocional (Estévez et al., 2020).

O *cyberbullying* acarreta inúmeras consequências para as suas vítimas, entre essas consequências temos as consequências a nível emocional. Vítimas deste crime demonstram ter um autoconceito global negativo, demonstrando também autoavaliações negativas em dimensões pessoais (Estévez et al., 2020). Este tipo de vitimização pode impactar negativamente a *performance* escolar, autoconceito, clima familiar, assim como as relações entre os pais e os filhos e a autoconfiança (Estévez et al., 2020).

Os estudos que têm sido realizados relativamente ao *cyberbullying* e à inteligência emocional, mostram-nos que um elevado grau de inteligência emocional está negativamente associado com a *cyberbullying* (Estévez et al., 2020).

É importante referir que nem todas as vítimas de *cyberbullying* sofrem da mesma maneira, nem com a mesma intensidade (Estévez et al., 2020). Isto pode ser explicado por diferentes variáveis, mais concretamente as habilidades emocionais, estas habilidades podem funcionar como fatores de proteção (Estévez et al., 2020).

Segundo estudos realizados anteriormente, umas das variáveis que pode explicar os diferentes impactos do *cyberbullying*, é a inteligência emocional, uma vez que promove a regulação emocional e o bem-estar dos indivíduos (Estévez et al., 2020).

Numa revisão sistemática da literatura, levada a cabo por Jenaro et al. (2017), estas diferenças entre vítimas de *cyberbullying* podem acontecer devido tanto a características situacionais como características individuais. No que diz respeito às características situacionais, temos como exemplo o suporte social (Jenaro et al., 2017), isto é, um indivíduo que sofra de

cyberbullying, mas que tenha uma família que o apoie no seu papel de árbitro, acaba por se sentir mais apoiado do que um árbitro em que a família não ligue tanto à sua situação. Por outro lado, temos as características individuais, como a inteligência emocional, empatia, capacidade de enfrentar a situação que está a viver, entre outras (Jenaro et al., 2017).

As vítimas de *cyberbullying* demonstram alguma atenção com as suas próprias emoções, no entanto, é possível perceber que apresentam alguma dificuldade em compreender e gerir essas emoções. Estas vítimas apresentam níveis mais altos de sintomas depressivos, isto pode acontecer devido ao facto do *cyberbullying* acontecer de forma repetitiva, o agressor ser anónimo e a maior visibilidade que este crime apresenta (Estévez et al., 2020). Não só estão presentes sintomas depressivos nas *cyber* vítimas, assim como autoconceito global negativo e autoavaliações negativas em dimensões pessoais. Especificamente, o desequilíbrio emocional apresentado por vítimas de *cyberbullying* acaba por não lhes permitir concentrar nas estratégias que vão utilizar para recuperar o equilíbrio emocional e satisfação com a sua vida (Estévez et al., 2020).

A evidência na literatura relativamente à relação entre inteligência emocional e o *cyberbullying*, apesar de escassa, permite-nos, no entanto, sugerir que altos níveis de inteligência emocional podem ter grandes benefícios para as vítimas de *cyberbullying*, prevenindo assim o surgimento de problemas de adaptação a nível psicossocial e a nível emocional (Estévez et al., 2020).

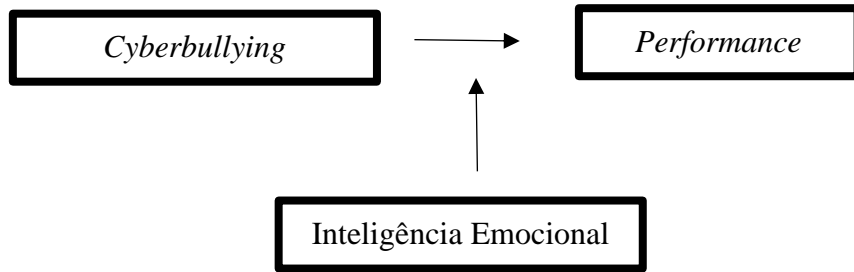
Um estudo desenvolvido por Elife et al. (2015) permitiu-nos perceber que vítimas de *cyberbullying* que apresentam altos níveis de atenção e regulação emocional têm níveis mais baixos de raiva e depressão. Elevados níveis de inteligência emocional poderão funcionar como protetores do bem-estar das vítimas de *cyberbullying* (Extremera et al., 2018).

Neste sentido, é apresentada como terceira e última hipótese do presente estudo:

H3: A inteligência emocional desempenha um papel moderador na relação entre o cyberbullying e a performance. Sendo então esperado que árbitros vítimas de cyberbullying que apresentem baixos níveis de inteligência emocional demonstrem uma performance mais baixa.

Figura 3

Modelo Hipótese 3



MÉTODO

Amostra

Neste estudo participaram árbitros profissionais e não-profissionais de futebol e futsal de ambos os sexos. A amostragem dos árbitros desta amostra foi não probabilística por *snowball* e a mesma foi recolhida através de Núcleos de Arbitragem de todo o país e através da Associação Portuguesa de Árbitros de Futebol.

Assim, este estudo conta com a participação de 398 árbitros onde 96 são árbitros de futsal e 302 são árbitros de futebol (Anexo B). Relativamente ao género, a amostra é constituída por 350 árbitros do sexo masculino e 48 árbitros do sexo feminino (Anexo B). Relativamente à idade dos árbitros, esta encontra-se compreendida entre os 16 anos e os 58 anos, ($M = 29.82$, $DP = 8.34$) (Anexo B).

As habilitações literárias da amostra estão divididas por 6 níveis de ensino, 3 participantes possuem o 2º Ciclo, 15 participantes têm o 3º Ciclo, 188 participantes têm o Ensino Secundário, 136 participantes dizem ter uma Licenciatura, 54 participantes têm um Mestrado e apenas 2 participantes possuem doutoramento (Anexo B).

Este estudo conta também com a participação de 18 árbitros profissionais e 380 árbitros não-profissionais (Anexo B), sendo que 23 árbitros arbitram a um nível internacional, 224 a nível nacional e 151 a nível distrital (Anexo B).

Delineamento

Este estudo tem uma abordagem não-experimental. No que diz respeito ao delineamento do mesmo, é correlacional, uma vez que pretendo perceber a relação entre o *cyberbullying* (variável preditora) e a *performance* (variável de critério), tendo como variável moderadora a inteligência emocional.

Material

Primeiramente foi elaborado um questionário sociodemográfico de modo que me fosse possível fazer uma descrição mais detalhada da minha amostra. Tendo como objetivo perceber a distribuição de idades e de género da minha amostra, perceber também as habilitações literárias dos meus participantes. Outro aspeto que foi pretendido perceber com este questionário é a da antiguidade ao nível da arbitragem, qual o estatuto dos participantes na arbitragem não-profissional ou profissional e perceber também qual o escalão mais alto onde arbitram, isto é a nível distrital, nacional e internacional.

Seguidamente, devido ao facto de este estudo se centrar bastante no mundo *online*, foi elaborada uma secção relativa à utilização de redes sociais, com o objetivo de perceber em que redes sociais os participantes estão presentes, qual a rede social a que atribui mais importância, média de horas que passa nas suas redes sociais, qual a frequência com que consulta opiniões sobre os jogos que arbitrou e perceber também qual a importância que dá às opiniões publicadas sobre si nas redes sociais.

Adicionalmente, foram aplicadas as escalas abaixo descritas, com o objetivo de medir as variáveis em estudo.

Instrumentos

Questionário de Cyberbullying – forma de comportamentos de vitimização (CCB-V)

O “Cuestionario de Cyberbullying- Victimización” foi criado por Estévez et al., (2010) e tem como objetivo medir a vitimização por parte de vítimas de *cyberbullying* (Estévez et al., 2010). Este questionário é composto por 11 itens que apresentam diversos comportamentos de *cyberbullying*, o mesmo é avaliado segundo uma escala de *Likert* de três pontos, onde o 0 corresponde a “Nunca” o 1 corresponde “Às Vezes” e o 2 corresponde a “Muitas Vezes” (Estévez et al., 2010).

Neste estudo, foi utilizado o “Questionário de *Cyberbullying* – forma de comportamentos de vitimização (CCB-V)”, sendo este uma adaptação à população portuguesa realizada por Pinto & Cunha (2011). Este questionário avalia apenas uma única dimensão (cybervitimização), sendo então unidimensional. O score total deste questionário é calculado através do somatório das respostas dos participantes aos 11 itens e pode variar entre 0 e 22. Scores maiores neste questionário evidenciam maiores níveis de vitimização, sendo vistos como vítimas de *cyberbullying* sujeitos que apresentem uma pontuação maior que 0 (Silva, 2017).

Relativamente às características psicométricas da escala original a mesma apresenta uma boa consistência interna tendo um Alpha de Cronbach = .95 (Estévez et al., 2010). A adaptação à população portuguesa, demonstra uma consistência interna adequada, apresentando um Alpha de Cronbach = .77 (Pinto & Cunha, 2011).

Contudo, uma vez que este questionário na maior parte das vezes é utilizado com crianças/adolescentes procedi à adaptação da linguagem de alguns itens para um contexto mais adulto, houve também a criação de mais dois itens uma vez que fazem sentido para o contexto que estou a estudar, “3. Receber mensagens ameaçadoras ou insultuosas nas redes sociais.”; “9.

Filmarem-me ou fotografarem-me enquanto me agredem verbalmente.”, a Tabela 1 representada mostra a evolução dos itens até à versão usada neste estudo.

Tabela 1

Escala do Cyberbullying

<i>Cuestionario de Cyberbullying-Victimización</i>	<i>Adaptação Portuguesa (Pinto & Cunha 2011)</i>	<i>Modificação</i>
1. Recibir mensajes de mail amenazantes o insultantes.	1. Receber ameaças ou mensagens insultuosas por e-mail.	1. Receber mensagens ameaçadoras ou insultuosas por e-mail.
2. Recibir mensajes de móvil amenazantes o insultantes.	2. Receber ameaças ou mensagens insultuosas por telemóvel.	2. Receber mensagens ameaçadoras ou insultuosas por telemóvel.
		3. Receber mensagens ameaçadoras ou insultuosas nas redes sociais.
3. Colgar imágenes mías humillantes en internet.	3. Colocarem fotografias minhas na internet que podem ser humilhantes (por exemplo, a vestir-me no balneário).	4. Colocarem fotografias minhas na internet que podem ser humilhantes.
4. Colgar comentarios sobre mí en internet.	4. Escreverem na internet piadas, boatos, mentiras ou comentários que me fazem parecer ridículo/a.	=
5. Usurpar mi identidad.	5. Conseguir a minha senha (nicks, passwords, etc.) e enviar mensagens em meu nome por e-mail para me deixar mal perante os outros, ou me criar problemas.	6. Roubarem a minha identidade online (roubo de passwords, etc.) e enviarem mensagens em meu nome.
6. Grabarme en vídeo o fotografiarme mientras me obligan a hacer algo humillante.	6. Gravarem-me em vídeo ou tirarem-me fotografias com telemóvel enquanto um grupo se ri de mim e me obriga a fazer algo humilhante ou ridículo.	7. Filmarem-me ou fotografarem-me enquanto sou forçado a fazer algo humilhante.
7. Grabarme en vídeo o fotografiarme mientras me agreden físicamente.	7. Gravarem-me em vídeo ou tirarem-me fotografias com o telemóvel quando alguém me bate ou me magoa.	8. Filmarem-me ou fotografarem-me enquanto me agredem fisicamente.
	7.2. Filmarem-me ou fotografarem-me enquanto me agredem verbalmente.	=
8. Difundir información confidencial mía online.	8. Divulgar segredos, informações comprometedoras ou fotografias minhas.	10. Divulgar informação confidencial a meu respeito online.
9. Apartarme online.	9. Ser removido(a) intencionalmente de um grupo online (chats, listas de amigos, fóruns temáticos, etc.).	11. Ser removido(a) intencionalmente de um grupo online.
10. Recibir masivamente mensajes muy amenazantes.	10. Receber mensagens insistentemente (de forma repetida) que incluem ameaças ou são muito intimidatórias.	12. Receber sistematicamente mensagem muito ameaçadoras ou intimidatórias online.
11. Grabarme en conductas sexuales.	11. Gravarem-me em vídeo ou tirarem-me fotografias com o telemóvel em algum tipo de comportamento de cariz sexual.	13. Filmarem-me ou fotografarem-me em algum tipo de comportamento de cariz sexual.

Trait Meta Mood Scale – 24 (TMMS-24)

Originalmente desenvolvida por Salovey et al. (1995), a *Trait Meta Mood Scale* (TMMS) tem como objetivo medir a inteligência emocional percebida pelos sujeitos, isto é, a TMMS é uma escala de autorrelato (Fernandez-Berrocal et al., 2004). Esta escala é constituída por três componentes da inteligência emocional percebida: a atenção que se refere à tendência que os sujeitos têm para perceber e pensar acerca dos seus próprios sentimentos; a clareza que se refere ao entendimento relativamente aos estados emocionais do indivíduo; e, por fim, a regulação, que se refere às crenças dos sujeitos sobre as suas capacidades de regulação emocional (Fernandez-Berrocal et al., 2004).

A versão original da TMMS é constituída por 48 itens, sendo estes avaliados segundo uma escala de *Likert* de 5 pontos, onde o 1 corresponde a “Discordo Totalmente” e o 5 corresponde a “Concordo Totalmente” (Salovey et al., 1995).

A TMMS-24 foi desenvolvida por Fernandez-Berrocal et al. (2004), consistindo numa versão reduzida da TMMS, passando de 48 itens para 24 itens. Esta mantém as mesmas dimensões da TMMS original: atenção composta por 8 itens; clareza composta por 8 itens e por fim a regulação também esta composta por 8 itens. Os itens da TMMS-24 são também respondidos segundo uma escala de *Likert* de 5 pontos, onde o 1 corresponde a “Discordo Totalmente” e o 5 corresponde a “Concordo Totalmente”.

Relativamente às características psicométricas, todos os valores de *Alpha de Cronbach* obtidos foram superiores a .85, evidenciando uma consistência interna boa. Relativamente ao Teste-Reteste os resultados obtidos foram satisfatórios relativamente à Atenção ($r = .60$), Clareza ($r = .70$) e Regulação ($r = .83$) (Fernández-Berrocal et al., 2004).

No estudo desta dissertação, vou utilizar a versão portuguesa da TMMS-24 adaptada por Queiroz et al. (2005). A mesma é composta por 24 itens tal como a versão espanhola, avaliados segundo uma escala de *Likert* de 5 pontos, onde o 1 corresponde a “Discordo Totalmente” e o 5 corresponde a “Concordo Totalmente”. Este questionário engloba as três dimensões também elas utilizadas na versão inglesa e espanhola, atenção (Itens 1 a 8); clareza (itens 9 a 16) e regulação (item 17 a 24) (Brito-Costa et al., 2016).

Questionário de Percepção de Rendimento Desportivo-Versão Retrospectiva

O “Questionário de Percepção de Rendimento Desportivo-Versão Retrospectiva”, desenvolvido por Gomes (2016), tem como objetivo avaliar a percepção de *performance* desportiva por parte dos atletas, não havendo diferenciação entre objetivos de *performance* desportiva e objetivos de resultado desportivo. Este questionário é composto por dez itens que retratam dois fatores de rendimento desportivo, a percepção de rendimento desportivo individual que é composta por 5 itens, está relacionada com a percepção por parte dos atletas relativamente ao seu rendimento desportivo numa visão individual. A percepção de rendimento desportivo coletivo, também esta dimensão composta por 5 itens, está ligada à percepção por parte dos atletas relativamente ao rendimento desportivo a um nível coletivo. Os itens desta escala são respondidos numa escala de *Likert* de cinco pontos, que variam entre 1 - “Não Concordo” e 5 - “Concordo Totalmente”.

De forma a conseguirmos obter o *score* final é necessário fazer a média dos itens, sujeitos que apresentem valores mais elevados numa dimensão, são sujeitos que demonstram ter uma percepção maior de sucesso/satisfação com a sua *performance* desportiva (Gomes, 2016).

Uma vez que este questionário é originalmente direcionado a atletas, para os objetivos do presente estudo, procedi à adaptação de alguns itens para o contexto de arbitragem tendo apenas considerado a dimensão relativa à percepção de rendimento desportivo individual e utilizado os 5 itens da respetiva escala. A não adaptação e utilização da dimensão relativa ao rendimento coletivo para efeitos deste estudo, é justificada na medida em que, no contexto de arbitragem, as equipas não são fixas, mudando a cada jogo/competição.

Utilizei este questionário na versão retrospectiva, uma vez que esta faz a avaliação da percepção por parte do atleta de momentos passado, isto é, nas últimas provas, por exemplo (Gomes, 2016).

Para concluir, no que diz respeito às características psicométricas do questionário o mesmo apresenta uma consistência interna boa com um Alpha de Cronbach = .88 (Lourenço et al., 2018). Os valores obtidos no Teste-Reteste são também eles satisfatórios ($r = .94$; $p < .05$) (Lourenço et al., 2018). Por fim, a análise fatorial realizada apresentou os seguintes valores ($X^2 = 14.25$, $p = .01$, $X^{2/g.l.} = 2.85$, CFI=.98, IFI=.98, TLI=.97, RMSEA=.08, SRMR=.03), percebemos assim que o questionário apresenta índices de ajustamento adequados (Lourenço et al., 2018). Os itens da mesma podem ser consultados na Tabela 2.

Tabela 2

Escala da Performance

Até ao momento na minha carreira enquanto árbitro...

<i>Questionário de Perceção de Rendimento Desportivo-Versão Retrospetiva</i>	<i>Adaptação ao Contexto da Arbitragem</i>
Tive o rendimento desportivo que pretendia.	=
Atingi os meus objetivos desportivos	=
Alcansei o sucesso desportivo que desejava.	=
Melhorei as minhas capacidades ao nível que pretendia.	=
Senti-me satisfeito(a) como atleta.	Senti-me satisfeito(a) como árbitro.

Procedimento

Primeiramente procedi à adaptação do Questionário de *Cyberbullying* – forma de comportamentos de vitimização (CCB-V) e do Questionário de Perceção de Rendimento Desportivo – Versão Retrospetiva para o contexto de arbitragem, conforme está descrito na secção de instrumentos. Aquando finalização das adaptações, procedi à criação de um *survey* online através da plataforma *Qualtrics*, cujo *link* foi divulgado para os respetivos participantes do estudo. Este questionário chegou aos participantes por via de contactos que tinha com o contexto de arbitragem, através de Associações de Arbitragem do país, redes sociais, como *E-mail*, *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *LinkedIn*. A recolha de dados iniciou-se no dia 19 de Janeiro de 2021 e terminou no dia 16 de Fevereiro de 2021.

Aquando resposta ao questionário por parte dos participantes, os mesmos tinham ao seu dispor algumas orientações para a realização do questionário. Começamos por explicar quem é que nós eramos e os objetivos do presente estudo, foi explicado que não havia qualquer risco inerente à participação no estudo, que todos os dados seriam apenas utilizados para fins académicos, por fim, disponibilizamos um contacto caso existissem dúvidas relativamente ao estudo. Foi-nos possível obter respostas por parte de 452 árbitros de nacionalidade portuguesa de diversas modalidades desportivas. No entanto, procedemos à remoção de alguns participantes tendo seguido como critérios de exclusão: o preenchimento das medidas de forma aleatória; preenchimento em períodos de tempo muito curtos em relação à média da amostra; participantes árbitros de modalidades que não o futebol ou futsal. A amostra total é assim constituída por 398 árbitros. Finalmente, todos os dados obtidos foram analisados através do programa estatístico *SPSS Statistics*.

RESULTADOS

Primeiramente começámos por estudar a validade das escalas, para isso foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória, tendo sido realizado o Teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). De acordo com os valores de KMO fixados, valores inferiores a 0.5 são considerados inaceitáveis, valores entre 0.5 e 0.7 são vistos como medíocres, entre 0.7 e 0.80 são bons e valores superiores a 0.80 são considerados excelentes (Hutcheson & Sofroniou, 1999).

Foi também elaborada uma Análise Fatorial Confirmatória de forma a estudar a validade de construto das medidas utilizadas neste estudo. Para isso, utilizei o *software Jamovi*, realizando uma avaliação do ajustamento do modelo através dos índices de ajustamento. Os valores de referência utilizados para esta análise foram os seguintes: χ^2/df os valores devem ser <5 para serem considerados satisfatórios; <2 para ser considerado excelente (Marôco, 2010). Relativamente ao CFI e ao TLI os valores devem ser $> .90$ para um nível de adequação bom; e $.95$ para um nível de adequação muito bom (Marôco, 2010). Por fim, relativamente ao RMSEA, valores entre 0.05 e 0.10 são indicadores de uma adequação satisfatória e ≤ 0.05 de um ajustamento muito bom (Marôco, 2010).

Foi também realizada uma análise para estudar a fiabilidade das medidas em estudo. A fiabilidade diz respeito ao quanto um instrumento é consistente na sua medição (Souza et al., 2017). De modo a verificar a fiabilidade de cada medida procedeu-se à análise dos Alphas de Cronbach para avaliar a consistência interna das mesmas. Foram considerados valores de Alpha indicadores de fiabilidade valores iguais ou superiores a $.70$ (Nunnally, 1978 cit. por Marôco & Garcia-Marques, 2006).

Para avaliar a sensibilidade das medidas neste estudo, foram tidos em conta indicadores referentes à obtenção de respostas em todos os pontos da escala, indicadores referentes à mediana, distribuição normal, e valores de assimetria e curtose, sendo que os valores respetivos à assimetria devem ser inferiores $|3|$ e os valores da curtose devem ser inferiores a $|8|$ (Marôco, 2014).

Estudo das Qualidades Psicométricas

Escala Cyberbullying

Na escala do *Cyberbullying*, a mesma obteve um valor de KMO = .82, podemos então perceber que temos um valor excelente (Anexo B).

Ao nível da análise da validade de constructo deste instrumento, uma análise do *scree plot* sugere que esta escala tem apenas uma única dimensão (unidimensional), evidenciada pela presença de um único “cotovelo” no gráfico. Podemos também perceber através da Matriz de Componente que os itens se agrupam todos apenas numa dimensão (Anexo C).

Depois de interpretarmos a Análise Fatorial Confirmatória podemos concluir que os índices de ajustamento não são adequados, uma vez que, ($\chi^2/df = 5.65$; CFI = 0.76; TLI = 0.71; RMSEA = 0.11) (Anexo C).

Relativamente à fiabilidade da escala, a mesma apresenta um $\alpha = .80$, apresentando então uma boa consistência interna (Anexo C).

Posto isto, embora os índices de ajustamento obtidos através da Análise Fatorial Confirmatória, sejam sofríveis, os níveis de consistência interna ($\alpha = .80$) evidenciam bons indicadores de fiabilidade e o *scree plot* sugere a presença de apenas um único fator. Desta forma, para efeitos da análise dos dados, foi considerada a existência de um fator geral de *Cyberbullying*.

No que diz respeito à sensibilidade, conseguimos concluir que a mediana (1.0) juntando-se assim ao extremo inferior (0), relativamente aos valores da assimetria (3.22) e da curtose (15.54), os mesmos não se encontram dentro dos parâmetros (Anexo C).

Em relação a seguir uma distribuição normal, através do Teste *Kolmogorov-Smirnov* foi possível perceber que a mesma não segue uma distribuição normal, uma vez que o $p = .000$ sendo inferior a .05 (Anexo F).

Escala Inteligência Emocional

No que respeita à validade da TMMS-24, a mesma obteve um valor geral de KMO = .86, sendo este um valor excelente. A estrutura tridimensional desta escala (dimensões de Atenção, Clareza e Recuperação) é evidenciada pelo *scree plot*, através da observação de três “cotovelos” antes de haver uma estabilização. Na análise da Matriz de Componente podemos perceber que os itens se agrupam por três dimensões (Atenção: Item 1 a Item 8; Clareza: Item 9 a Item 16; Recuperação: Item 17 a Item 24) (Anexo D).

Olhando para a Análise Fatorial Confirmatória podemos perceber que os índices de ajustamento são satisfatórios ($\chi^2/g.l = 4.63$; CFI = 0.81; TLI = 0.79; RMSEA = 0.09) (Anexo D).

Analisando agora a fiabilidade desta escala, a mesma apresenta um valor de $\alpha = .86$. Falando agora das respetivas dimensões, Atenção $\alpha = .88$, Clareza $\alpha = .87$ e por fim Recuperação $\alpha = .85$ (Anexo D). Podemos assim concluir que numa visão geral e depois numa visão mais individualizada de cada dimensão, todas apresentam uma boa consistência interna.

Assim, apesar de os índices de ajustamento serem mais uma vez satisfatórios, os níveis de consistência interna obtidos para as diferentes dimensões evidenciam bons indicadores de fiabilidade e, adicionalmente, não só *scree plot* sugere a presença de três dimensões, como também uma análise da matriz de componentes sugere que os itens se agruparam em função das dimensões esperadas. Desta forma, para efeitos da análise de dados, foram considerados os três fatores de inteligência emocional previamente identificados.

Relativamente à sensibilidade do *score* total da escala TMMS-24, verificamos que a mediana (3.75), não se encontra junto de nenhum dos extremos, e estando os valores de assimetria (0.00) e curtose (1.16) dentro dos parâmetros anteriormente referidos, sugerem que a distribuição desta variável não viola de forma grosseira o pressuposto da normalidade (Anexo D).

Quando olhamos para a sensibilidade das dimensões da referente escala, podemos concluir que para a dimensão Atenção, a mediana (3.63) não se encontra junto de nenhum dos extremos, olhando para a assimetria (-0.66) e para a curtose (0.93) percebemos que se encontram dentro dos parâmetros (Anexo D).

Na dimensão Clareza, a mediana (3.75) também não se encontra junto de nenhum dos extremos, a assimetria (-0.45) e a curtose (0.69) encontram-se dentro dos parâmetros (Anexo D).

Para a última dimensão, sendo esta a dimensão Recuperação, a mediana (4.00) não se encontra junto de nenhum dos extremos, a assimetria (-0.45) e a curtose (0.05) mais uma vez se encontram dentro dos parâmetros estabelecidos (Anexo D).

Escala Performance

A escala da *performance* apresenta um valor de KMO = .81, como este é superior a 0.80, mais uma vez temos presente um valor excelente. Aquando da observação do *scree plot*, podemos perceber a presença de apenas um “cotovelo”, sugerindo que a escala é constituída

apenas por uma única dimensão de performance (unidimensional), o mesmo pode ser confirmado através da Matriz de Componente que nos mostra os itens todos agrupados numa única dimensão (Anexo E).

Os índices de ajustamento obtidos através da Análise Fatorial Confirmatória sugerem um ajustamento satisfatório ao nível do teste de qui-quadrado e RMSEA ($\chi^2/gf = 11.7$; CFI = 0.95; TLI = 0.90; RMSEA = 0.16) (Anexo E).

No entanto, a escala apresenta bons índices de consistência interna ($\alpha = .87$) (Anexo E). Assim, apesar de a escala ter evidenciado índices de ajustamento satisfatórios, os níveis de consistência interna ($\alpha = .87$) evidenciam bons indicadores de fiabilidade e o *scree plot* sugere a presença de apenas um único fator, pelo que para efeitos de análise de dados, foi considerado um fator geral de performance.

No que diz respeito à sensibilidade, conseguimos concluir que a mediana (3.40), não se junta a nenhum dos extremos, relativamente aos valores da assimetria (-0.41) e da curtose (-0.13), os mesmos encontram-se dentro dos parâmetros que referi anteriormente (Anexo E).

Estatística Descritiva das Variáveis em Estudo

Seguidamente, foi feita uma análise das estatísticas descritivas das variáveis em estudo. Começando pela escala CBQ, podemos perceber que as respostas dos participantes se encontram acima do ponto médio da escala, sendo este (1), isto demonstra que os árbitros inquiridos já passaram por situações de *cyberbullying* ($M = 1.34$, $DP = 2.22$).

No que diz respeito à TMMS, concluímos que as respostas dadas se encontram mais uma vez acima do ponto médio da escala, sendo este (3), isto indica que os árbitros que participaram neste estudo de uma forma geral apresentam bons níveis de inteligência emocional ($M = 3.77$; $DP = .45$).

Por fim, relativamente à QPRD, mais uma vez as respostas fornecidas pelos participantes encontram-se acima do ponto médio (3), o que nos indica de uma forma geral uma boa *performance* por parte dos árbitros presentes nesta amostra ($M = 3.33$; $DP = .86$). Toda esta informação pode ser consultada na Tabela 3.

Tabela 3

Estatística Descritiva das Variáveis em Estudo

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-Padrão
CBQ_V	0	19	1.34	2.22
TMMS	2.38	4.92	3.77	0.45
QPRD	1	5	3.33	0.86

No que respeita à antiguidade na tarefa de arbitragem, foi reportado um mínimo de 1 ano e um máximo de 39 anos, ($M = 9.64$, $DP = 6.79$) (Anexo B). Quanto ao número médio de jogos arbitrados numa época normal, foi reportado pelos árbitros um mínimo de 2 jogos e um máximo de 330 jogos, ($M = 69.25$; $DP = 50.22$). Relativamente à época de 2020/2021 temos um mínimo de 0 jogos arbitrados e o máximo de 200 jogos arbitrados, dando assim uma média de 12.10 jogos arbitrados e um desvio padrão de 17.54 (Anexo B).

No que diz respeito às horas passadas pelos árbitros nas redes sociais, os resultados variam entre 0 horas e 14 anos por dia, $M = 2.03$, $DP = 50.22$ (Anexo B). Quando questionados acerca da frequência com que consultam notícias ou opiniões sobre os jogos que arbitram, 35 (8.8%) participantes responderam “Nunca”, 80 (20.1%) participantes responderam “Pouco Frequente”, 136 (34.2%) participantes “Às Vezes”; 100 (25.1%) participantes “Muito Frequentemente” e 47 (11.8%) participantes responderam “Sempre” (Anexo B). Relativamente à importância atribuída às opiniões sobre si presentes nas redes sociais, 129 (32.4%) participantes responderam “Nenhuma”, 17 (4.3%) participantes responderam “Muita” (Anexo B).

De modo que me fosse possível perceber as interações *online* por parte dos árbitros, os mesmos tiveram de relatar em que redes sociais estavam presentes. Com base nas respostas dadas pelos participantes, consegui perceber que o *Facebook* é a rede social mais utilizada pelos mesmos, sendo que 364 participantes possuem essa rede social, logo de seguida temos o *Instagram* onde 315 participantes deste estudo são utilizadores desta rede social. Dentro da opção “Outros” temos aplicações como *Whatsapp*, *TikTok*, *Telegram*, *Reddit*, *Strava*, *Snapchat*, *Twitch* e *Discord*. Temos por fim, 6 participantes que relatam não ter qualquer perfil em redes sociais, como podem perceber através da Tabela 4.

Tabela 4

Redes Sociais onde têm Perfil

Redes Sociais	n	%
<i>Facebook</i>	364	91.5
<i>Twitter</i>	120	30.2
<i>Instagram</i>	315	79.1
<i>Youtube</i>	157	39.4
<i>LinkedIn</i>	155	38.9
<i>Outros</i>	23	6.1
Nenhuma	6	1.5

Era importante perceber quais redes sociais possuíam, mas também era importante perceber quais as redes sociais consultadas com mais frequência. Consegui assim obter os seguintes resultados: O *Facebook* apresenta ser a rede social mais consultada pelos participantes deste estudo (n=285), seguidamente temos o *Instagram* (n=280), *Youtube* (n=133), *Twitter* (n=61) e *LinkedIn* (n=52), Outros (n=21) aqui temos redes sociais como, *Whatsapp*, *TikTok*, *Telegram*, *Reddit*, *Strava*, *Snapchat* e *Twitch*, temos também 1 participante que afirma que não consulta nenhuma rede social, como pode ser visto na Tabela 5.

Tabela 5

Redes Sociais que Consultam com Mais Frequência

Redes Sociais	n	%
<i>Facebook</i>	285	71.6
<i>Twitter</i>	61	15.3
<i>Instagram</i>	280	70.4
<i>Youtube</i>	133	33.4
<i>LinkedIn</i>	52	13.1
<i>Outros</i>	21	5.3
Nenhuma	1	1.0

Por fim, achei pertinente perceber a quais redes sociais atribuem mais importância aquando de uma publicação sobre si. Aporei que a rede social a que favorizam mais é mais uma vez o *Facebook* (n=222), depois temos o *Instagram* mais uma vez (n=219), seguido do *Youtube* (n=63), *LinkedIn* (n=53) e *Twitter* (n=40), Outros (n=15) onde estão presentes *Whatsapp*, *TikTok*, Jornais e *Reddit*, temos também 12 participantes que relatam não dar importância a nenhuma rede social, isto pode ser consultado na Tabela 6.

Tabela 6

Redes Sociais a que Atribuem Mais Importância

Redes Sociais	n	%
<i>Facebook</i>	222	55.8
<i>Twitter</i>	40	10.1
<i>Instagram</i>	219	55.0
<i>Youtube</i>	63	15.8
<i>LinkedIn</i>	53	13.3
<i>Outros</i>	15	3.8
<i>Nenhuma</i>	12	3.0

Correlações

Seguidamente, procurou-se estudar a relação entre as variáveis em estudo, através da realização de correlações de *Pearson*.

A relação entre a variável *Cyberbullying* e *Performance* é positiva, porém não é significativa ($r = .03$ $p = .556$) (Anexo G).

Quando olhamos para a relação entre a variável *Cyberbullying* e a variável Inteligência Emocional, a mesma é negativa, mas mais uma vez não é significativa ($r = -.04$, $p = .382$) (Anexo G).

Estudando agora a relação existente entre a variável *Cyberbullying* e as dimensões da Inteligência Emocional (Atenção, Clareza, Recuperação). Começando com a relação entre a variável *Cyberbullying* e a dimensão Atenção, podemos perceber que a mesma é positiva e significativa ($r = .11$, $p = .024$), sugerindo que quanto maiores forem os níveis de *Cyberbullying* maiores os níveis obtidos na dimensão de Atenção (Anexo G).

Relativamente à relação entre o *Cyberbullying* e a dimensão Clareza, a relação negativa obtida não foi significativa ($r = -.08$, $p = .114$) (Anexo G).

A relação entre o *Cyberbullying* e a dimensão Recuperação foi negativa e significativa ($r = -.15$, $p = .002$), sugerindo que quanto maiores os níveis de *Cyberbullying* menores os níveis na dimensão de Recuperação (Anexo G).

Para concluir, foi estudada a relação estabelecida entre Inteligência Emocional e a *Performance*. O *score* total de Inteligência Emocional e a *Performance* encontram-se significativamente associados ($r = .20$, $p < .001$), sugerindo que quanto maiores os níveis de Inteligência Emocional, maiores os níveis de *Performance* (Anexo G).

Quando olhamos para a relação entre as diferentes dimensões da Inteligência Emocional e a *Performance* percebemos que: a relação entre a dimensão Atenção e a *Performance* é positiva, no entanto, não é significativa ($r = .05, p = .315$); porém a relação existente entre a dimensão Clareza e a *Performance* é positiva e significativa ($r = .17, p = .000$); e, por fim, a relação entre a dimensão Recuperação e a *Performance* é positiva e significativa ($r = .19, p = .000$) (Anexo G). Assim, quanto maiores os níveis de inteligência emocional, especificamente, nas dimensões de Clareza e Recuperação maiores os níveis percebidos de *Performance*.

Teste de Hipóteses

Com o objetivo de testar a primeira hipótese do presente estudo, de que existe uma relação negativa entre o *Cyberbullying* e a *Performance* foi realizada uma regressão linear.

Através da análise deste modelo, foi possível perceber que o *Cyberbullying* e a *Performance* não se encontram positivamente associados ($B = .011, p = .556$) – confirmando o resultado anteriormente observado para a análise de correlação (Anexo H). Tal sugere que a primeira hipótese em estudo não é suportada.

Como análise complementar quisemos perceber se o Estatuto na arbitragem, isto é, profissional ou não-profissional tem um papel moderador na relação entre o *Cyberbullying* e a *Performance*. Através da extensão *Process* do *SPSS*, realizámos uma análise de moderação, através do Modelo 1, introduzindo o *cyberbullying* como preditor, o estatuto como moderador e a performance como variável dependente. O efeito de interação obtido entre as duas variáveis foi significativo ($B = -.18, p = .002$), sugerindo que o estatuto moderou o efeito anteriormente observado. Especificamente, observa-se que a relação entre *cyberbullying* e *performance* foi significativa para árbitros com Estatuto Profissional ($b = .16, p = .002$), embora num sentido (positivo) contrário ao hipotetizado. Para os árbitros sem estatuto profissional, esta relação não foi significativa ($b = -.02, p = .430$).

Achámos também pertinente estudar a relação entre o *Cyberbullying* e a *Performance* Percebida nos diferentes níveis de arbitragem. Conseguimos perceber que: existe uma correlação positiva, no entanto não é significativa ($r = .23, p > .05$) no Nível Internacional; existe uma correlação negativa e não significativa entre os dois construtos no Nível Nacional ($r = -.07, p > .05$), e por fim, no Nível Distrital encontrou-se mais uma vez uma correlação negativa e não significativa ($r = -.05, p > .05$) (Anexo G).

Para testar a segunda hipótese, que propõe que existe uma relação positiva entre a Inteligência Emocional e a *Performance*, foi mais uma vez utilizada uma regressão linear.

Através da análise deste modelo, foi possível concluir que a inteligência emocional tem um efeito positivo na *Performance* ($B = .38, p < .001$), que sugere que, à medida que os níveis de Inteligência Emocional aumentam a *Performance* também aumenta, fornecendo assim suporte para a segunda hipótese deste estudo (Anexo H).

Para testar a terceira e última hipótese deste estudo, que propõe que a Inteligência Emocional modera a relação entre o *Cyberbullying* e a *Performance* realizou-se uma análise de moderação, através do *Process* utilizando o Modelo 1. O efeito de interação obtido entre as duas variáveis não foi significativo ($B = .02, p = .517$), sugerindo que a Inteligência Emocional não tem um papel moderador na relação entre o *Cyberbullying* e a *Performance* (Anexo H).

Foi também feita uma análise complementar, onde testamos as diferentes dimensões da Inteligência Emocional como moderadores nesta relação. As interações obtidas entre o *cyberbullying* e a dimensão Atenção ($B = - .02, p = .429$), a dimensão Clareza ($B = .01, p = .631$), e a dimensão Recuperação ($B = 0.02, p = .367$), não foram significativas, sugerindo que nenhuma das dimensões da Inteligência Emocional tem um papel moderador na relação entre o *Cyberbullying* e a *Performance* (Anexo H).

Comparação entre Grupos

Como é possível perceber ao longo do estudo, os participantes do mesmo estão divididos por árbitros profissionais e não profissionais, temos também árbitros que já arbitram a nível internacional, nível nacional e por fim nível distrital. Podemos assim perceber que temos uma grande diversidade de grupos, devido a isso foi pertinente proceder a comparações entre grupos, para perceber se as diferentes variáveis em estudo estão presentes de diferentes formas nos diferentes grupos.

Cyberbullying e Nível de Arbitragem

Para testar o efeito do nível de arbitragem no *cyberbullying*, foi realizada uma comparação de médias através de uma *Anova One-Way*. As diferenças encontradas entre os grupos foram significativas, $F(2, 395) = 12.78, p < .001$. Os árbitros que arbitram a um Nível Internacional sofrem de mais *Cyberbullying* ($M = 3.35, DP = 3.79$) quando comparados com

árbitros que arbitram a Nível Nacional ($M = 1.42$, $DP = 2.04$) e a Nível Distrital ($M = .93$, $DP = 1.98$). (Anexo I).

Através do Teste *Tukey* foi possível elaborar comparações múltiplas, foi possível concluir que os níveis de *Cyberbullying* em árbitros que arbitram internacionalmente diferem significativamente dos níveis de *Cyberbullying* de árbitros que arbitram a Nível Nacional ($p < .001$) e de árbitros que arbitram a Nível Distrital ($p < .001$). Os níveis de *Cyberbullying* dos árbitros de Nível Nacional e Nível Distrital não diferem significativamente entre si ($p = .087$) (Anexo I).

Inteligência Emocional e Nível de Arbitragem

A análise acima foi replicada para testar se existem diferenças entre as várias dimensões da Inteligência Emocional e os diferentes Níveis de Arbitragem. Primeiramente debruçámo-nos sobre a primeira dimensão da Inteligência Emocional, *Atenção*, e podemos perceber que as diferenças entre os grupos não foram significativas $F(2, 395) = 0.06$, $p = .939$. (Anexo I). Relativamente à segunda dimensão, *Clareza*, também para esta as diferenças entre os grupos não foram significativas $F(2, 395) = 0.00$, $p = .997$ (Anexo I). Por fim, para a última dimensão, *Recuperação*, também se verificou que as diferenças entre os grupos não foram significativas $F(2, 395) = 1.48$, $p = .229$ (Anexo I).

Performance e Níveis de Arbitragem

Com o objetivo de compararmos a *performance* nos diferentes grupos de arbitragem mais uma vez foi utilizada uma *Anova One-Way*. As diferenças encontradas entre os grupos foram significativas, $F(2, 395) = 16.10$, $p < .001$. O Nível Internacional apresenta uma *Performance* média superior quando comparada com os restantes Níveis ($M_{Internacional} = 3.97$, $DP_{Internacional} = .73$, $M_{Nacional} = 3.44$, $DP_{Nacional} = .77$; $M_{Distrital} = 3.07$, $DP_{Distrital} = .92$) (Anexo I). No que diz respeito ao Teste *Tukey* foi possível concluir que: a *Performance* no Nível Internacional difere significativamente do Nível Nacional ($p = .011 < .05$); a *Performance* no Nível Internacional difere significativamente do Nível Distrital ($p < .001$); e por fim a *Performance* no Nível Nacional difere significativamente do Nível Distrital ($p < .001$) (Anexo I).

DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi o de estudar a relação entre o *Cyberbullying* e a *Performance* Percebida em árbitros Portugueses de Futebol e Futsal. Adicionalmente, procurou-se também testar a relação entre a Inteligência Emocional e a *Performance* Percebida e o papel moderador da Inteligência Emocional na relação entre o *Cyberbullying* e a *Performance* Percebida.

A primeira hipótese deste estudo propôs que quanto maiores forem os níveis de *cyberbullying* menor será a *performance* percebida pelos árbitros. Com base nos resultados obtidos, foi possível perceber que a hipótese não é suportada. Tendencialmente, verificou-se uma relação no sentido contrário, isto é, quanto maiores os níveis de *cyberbullying*, melhor será a *performance* percebida dos árbitros.

Estes resultados não vão de encontro à evidência encontrada na literatura, que defende que devido às redes sociais os adeptos têm facilidade em comunicar com os árbitros, podendo assim demonstrar a sua opinião tanto positiva como negativa, porém, a violência *online* acaba por ser um grande problema (Hayes et al., 2020). Esta violência acaba por ter um impacto negativo na *performance* (Jewett et al., 2020).

No entanto, quando foi testado o papel moderador do estatuto na relação entre o *cyberbullying* e a *performance*, percebemos que a relação entre as duas variáveis foi significativa para árbitros com estatuto profissional, porém num sentido oposto ao que é sugerido na hipótese de estudo.

O facto da *performance* em árbitros internacionais aumentar devido ao *cyberbullying* pode ser explicado pelas estratégias cognitivas que utilizam para encarar e ultrapassar situações desfavoráveis. A psicologia social identificou diversas estratégias cognitivas que auxiliam os sujeitos a lidar com situações negativas (Wolfson & Neave, 2007). Uma dessas estratégias é o controlo percebido, sendo este um bom preditor de *performance* sob pressão, quando falamos em controlo percebido falamos do conhecimento implícito acerca de uma determinada habilidade (Otten, 2009). Em contexto desportivo altos níveis de confiança resultam em sentimentos de controlo, ou seja, o controlo percebido acaba por resultar em confiança desportiva e isso melhora a *performance* sob pressão (Otten, 2009). Em suma, a autoconfiança e o controlo percebido acabam por ser ambos preditores de uma boa *performance* sob pressão (Otten, 2009).

Existem diversas razões que poderão ter contribuído para a primeira hipótese do estudo não ser suportada, entre elas, o tema em questão só agora ter começado a ser estudado, a amostra do estudo ser muito específica e o facto do construto *cyberbullying* ser mais estudado em amostra de crianças e adolescentes. No entanto, é importante reforçar a ideia de que devido ao facto deste tema ainda não ser muito estudado, os meus resultados poderão fornecer informações importantes no que toca a este tema.

No que diz respeito ao facto de no nível de arbitragem distrital e nacional o *cyberbullying* impactar a *performance* percebida pelos árbitros, o mesmo pode ser explicado pelo facto de a violência contra os árbitros estar mais presente e ocorre mais frequentemente no futebol amador quando comparado com campeonatos profissionais (Boschilia et al., 2008). A violência contra os árbitros em contexto amador acaba por ser mais aceite do que em contexto profissional, uma vez que neste contexto a atitude violenta por parte dos adeptos/claques não é vista como um problema para o bom desempenho dos árbitros (Boschilia et al., 2008).

Relativamente à segunda hipótese, a mesma propõe que quando maiores os níveis de inteligência emocional, melhor será a *performance* percebida dos árbitros. Através dos resultados que foram obtidos foi possível apurar que a hipótese é suportada. Estes resultados vão de encontro à evidência na literatura, que sugere que sujeitos que são portadores de níveis elevados de inteligência emocional acabam por demonstrar uma melhor *performance*, isto porque pessoas com níveis mais elevados de inteligência emocional olham para as competições como um desafio e acabam por conseguir utilizar estratégias de *coping* mais adequadas à situação (Dosseville et al., 2016). São as pessoas que apresenta maiores níveis de inteligência emocional que demonstram também uma maior capacidade para perceber e para processar conteúdos emocionais e gerir esses conteúdos emocionais de uma maneira mais benéfica (Salovey & Meyer, 1990). Adicionalmente, o contexto desportivo é um contexto desencadeador de emoções, uma vez que é um contexto intenso (Kerkoski, 2008). Com base nisto, é possível perceber que as emoções no meio desportivo persistem mesmo depois do jogo, os intervenientes no jogo como por exemplo, os atletas, treinadores e árbitros estão constantemente expostos a imensas emoções e isso de algum modo poderá justificar o desenvolvimento e a presença de níveis altos de inteligência emocional em contexto desportivo (Kerkoski, 2008).

Por fim, relativamente à terceira hipótese, a mesma defende, que a inteligência emocional desempenha um papel moderador na relação entre o *cyberbullying* e a *performance*

percebida. De acordo com os resultados obtidos foi possível compreender que esta mesma hipótese não é suportada, devido a isto não é possível afirmar que a inteligência emocional modera a relação entre o construto *cyberbullying* e a *performance* percebida.

Os resultados deste estudo não vão de encontro à evidência sugerida na literatura existente. No estudo da autoria de Extremera et al. (2018) foi possível concluir que o *cyberbullying* e a inteligência emocional impactam a saúde mental dos adolescentes; as capacidades emocionais atenuam as consequências negativas decorrentes de situações de *cyberbullying*. Com isto é possível perceber que o *cyberbullying* resulta em consequências graves para as suas vítimas, uma dessas consequências é na *performance* académica dos adolescentes e até problemas no mercado de trabalho (Méndez et al., 2019).

Alguns aspetos que podem justificar o facto deste terceira e última hipótese do estudo não ter sido corroborada, são o facto de os estudos realizados neste âmbito serem elaborados com adolescentes e este ter sido realizado maioritariamente com adultos que fazem parte de um contexto muito específico, isto é, árbitros de futebol e de futsal. Aqui estamos também a trabalhar a *performance* percebida, ou seja, não temos como saber se os indicadores que temos da *performance* dos árbitros são realistas e por fim, o facto de não haver a relação esperada entre o *cyberbullying* e a *performance*, isto é, quando maiores os níveis de *cyberbullying* menor seria a *performance* e isto pode ter prejudicado esta moderação.

Implicações Para a Prática

Este estudo tem como base uma amostra bastante específica, sendo a mesma constituída por árbitros de futebol e de futsal. No que toca à investigação feita ao nível da Psicologia do Desporto, o contexto da arbitragem é o que se encontra menos estudado, daí um dos aspetos importantes do presente estudo ser a sua amostra específica. Este estudo pode resultar em grandes contributos para a Psicologia do Desporto e também para a arbitragem, uma vez que pretende mostrar evidência relativamente à existência de *cyberbullying* neste contexto e às implicações que isso tem na prática desportiva e ao mesmo tempo levantar ideias de como se pode melhorar e prevenir este acontecimento em contexto desportivo.

Limitações e Estudos Futuros

Ao longo deste estudo houve algumas limitações, entre elas a falta de literatura sobre a temática do *Cyberbullying*, uma vez que toda a literatura existente tem como amostra crianças e jovens e senti uma extrema dificuldade em encontrar investigação sobre o tema em contexto desportivo. Como me foi possível perceber ao longo do estudo, o *Cyberbullying* é um

acontecimento que muitas vezes gera vergonha em quem sofre do mesmo e devido a isto poderá ter havido desajustabilidade social nas respostas de alguns participantes.

Encontrar uma escala para que fosse possível estudar a *Performance* Percebida foi também um desafio, uma vez que a *Performance* é um construto muito peculiar e diria eu até difícil de medir, não havendo assim muitas escalas ao nosso dispor. Falando ainda das limitações relacionadas com a *Performance*, é importante ressaltar mais uma vez que o que foi avaliado neste estudo foi a *Performance* Percebida, ou seja, a percepção que os árbitros têm da sua própria *performance*, isto pode mais uma vez resultar em desajustabilidade social por parte dos mesmos.

Seria interessante num estudo futuro estudar a relação entre o *cyberbullying* e determinadas dimensões da *performance*, seria esperado que o *cyberbullying* tenha um efeito negativo mais forte na *performance* psicológica quando comparado com a *performance* física. No presente estudo apenas foi avaliada a *performance* percebida geral, isso poderá ter contribuído para que os resultados não tenham ido de encontro com a hipótese proposta.

Por fim, a época atípica que estamos a viver devido à Covid-19 pode de algum modo ter impactado o estudo, uma vez que o contexto desportivo esteve muito tempo parado, fazendo assim com que a maioria dos árbitros não se encontrassem no ativo.

Em estudos futuros seria importante desenvolver uma escala para medir o *Cyberbullying*, onde houvesse maior variabilidade de resposta, uma vez que a escala utilizada neste estudo é uma escala de três pontos que de certa forma poderá condicionar as respostas dos participantes.

Replicar este estudo, mas em contexto de Futebol e Futsal de Formação, isto porque como foi possível perceber que a temática do *cyberbullying* está muito presente na vida das crianças e jovens, seria importante replicar este estudo em época não Covid-19 e perceber se serão encontradas algumas diferenças significativas.

Por fim, uma vez que a moderação não foi corroborada, seria interessante estudar o papel moderador da Inteligência Emocional na relação entre o *Cyberbullying* e a Ansiedade, isto porque está comprovado na literatura existente a importância da Inteligência Emocional em contexto desportivo e os impactos do *Cyberbullying* na saúde mental e sendo a Ansiedade um tema tão importante e estudado em contexto desportivo seria interessante perceber a relação entre estas três variáveis.

Em formato de conclusão devido a todos os fatores a que os árbitros estão expostos, em 2008 a Federação Inglesa criou o *Respect Programme*, uma vez que o número de árbitros que abandonava o jogo a meio devido aos treinadores, atletas e expectadores aumentou (Cleland et al., 2018). Este programa consiste na partilha de um vídeo *online* relativamente às consequências do abuso contra árbitros, este vídeo foi partilhado numa ótica educacional (Cleland et al., 2018). Seria interessante e extremamente pertinente fazer alguma intervenção do mesmo género em Portugal para de algum modo sensibilizar para a violência contra os árbitros.

REFERÊNCIAS

- Ackery, A. D., Tator, C. H., & Snider, C. (2012). Violence in Canadian amateur hockey: the experience of referees in Ontario. *Clinical journal of sport medicine: official journal of the Canadian Academy of Sport Medicine*, 22(2), 86–90. 10.1097/JSM.0b013e3182342b69
- Allen, M. S., & Laborde, S. (2014). *The Role of Personality in Sport and Physical Activity. Current Directions in Psychological Science*, 23(6), 460-465. doi:10.1177/0963721414550705
- Australian Olympic Committee (2015). Athletes prepare for social media distraction. Australian Olympic Committee. Retrieved from <https://goo.gl/qVa9oW>.
- Baker, J., & Horton, S. (2004). A review of primary and secondary influences on sport expertise. *High Ability Studies*, 15(2), 211–228. doi:10.1080/1359813042000314781
- Balch, M. J., & Scott, D. (2007). Contrary to Popular Belief, Refs are People Too! Personality and Perceptions of Officials. *Journal of Sport Behavior*, 30(1), 3–20.
- Boschilia, B., Afonso, G., Alves, P. Os árbitros e a violência no futebol. Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas. In: 1º Encontro da ALESDE, 2008, Curitiba.
- Brailovskaia, J., Teismann, T., & Margraf, J. (2018). Cyberbullying, positive mental health and suicide ideation/behavior. *Psychiatry Research*, 267, 240–242. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.05.074>
- Bressan, J. C. M., Carneiro, K. T., Silveira, V. T., Santos, D. S. G. dos, & Reverdito, R. S. (2019). Arbitration in School Sport Context: Perception of Violence Reported by Referees. *Journal of Physical Education*, 30. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v30i1.3056>
- Brito-Costa, S., Castro, F., Moisaio, A., & Fernández, M. (2016). Psychometric properties of Portuguese version of trait meta-mood scale (TMMS24). *Revista INFAD de Psicología. International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(1), 133-142.
- Bueno, L. (2008) Políticas públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento (Tese de Doutorado, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo). Recuperado de [http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2493/7204_10044 .pdf](http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2493/7204_10044.pdf)

- Canton, E. C., & Checa, I. (2012). Los estados emocionales y su relación con las atribuciones y las expectativas de autoeficacia en el deporte. *Revista de Psicología del Deporte*, *21(1)*, 171-176.
- Cohen-Almagor, R. (2018). Social responsibility on the Internet: Addressing the challenge of cyberbullying. *Aggression and Violent Behavior*, *39*, 42–52. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.01.001>
- Cleland, J., O’Gorman, J., & Webb, T. (2018). Respect? An investigation into the experience of referees in association football. *International Review for the Sociology of Sport*, *53(8)*, 960–974. <https://doi.org/10.1177/1012690216687979>
- Cruz, W. M., Bevilacqua, G. G., Dominski, F. H., Medeiros, R., D’Oliveira, A., Souza, L. N. N., Santos, M. G., & Andrade, A. (2019). Aspectos psicológicos de árbitros de futebol: Revisão sistemática. *Caderno de Educação Física e Esporte*, *17(2)*, 101–110. <https://doi.org/10.36453/2318-5104.2019.v17.n2.p101>
- Cunha, M. P., Rego, A., Cunha, R. C., Cabral-Cardoso, C. & Neves, P. (2016). Manual de Comportamento Organizacional e Gestão. (8ª Edição). Lisboa: RH Editora.
- Douglas, K., & Carless, D. (2009). Abandoning the performance narrative: Two women’s stories of transition from professional sport. *Journal of Applied Sport Psychology*, *21(2)*, 213–230
- Dosseville, F., Laborde, S., & Allen, S. M. (2016). A Inteligência Emocional no Desporto. In Campo, M., & Louvet, B (Eds.), *As emoções em Desporto e em Educação Física e Desportiva* (pp. 249-261). Lisboa: Edições Piaget.
- Elipe, P., Mora-Merchán, J. A., Ortega-Ruiz, R., & Casas, J. A. (2015). Perceived emotional intelligence as a moderator variable between cybervictimization and its emotional impact. *Frontiers in Psychology*, *6*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.00486>
- Estévez, A., Villardón, L., Calvete, E., Padilla, P., & Orue, I. (2010). Adolescentes víctimas de cyberbullying: Prevalencia, y características. *Behavioral Psychology/Psicologia Conductual*, *1*, 73–89.
- Estévez, J. F., Cañas, E., & Estévez, E. (2020). The Impact of Cybervictimization on Psychological Adjustment in Adolescence: Analyzing the Role of Emotional Intelligence. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *17(10)*, 3693. <https://doi.org/10.3390/ijerph17103693>

- Extremera, N., Quintana-Orts, C., Mérida-López, S., & Rey, L. (2018). Cyberbullying Victimization, Self-Esteem and Suicidal Ideation in Adolescence: Does Emotional Intelligence Play a Buffering Role? *Frontiers in Psychology*, *9*, 367. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00367>
- Fernández-Berrocal, P., Extremera, N., & Ramos, N. (2004). Validity and reliability of the Spanish modified version of the Trait Meta-Mood Scale. *Psychological Reports*, *94*(3), 751-755.
- Fisher, L. A., & Dzikus, L. (2017). *Bullying in Sport and Performance Psychology*. Oxford Research Encyclopedia of Psychology. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190236557.013.169>
- Gomes, A. R. (2016). Questionário de Perceção de Rendimento Desportivo (QPRD). Relatório técnico não publicado [Unpublished technical report]. Braga: Escola de Psicologia, Universidade do Minho.
- González-Oya, J. L., & Dosil, J. (2004). Características psicológicas de los árbitros de fútbol de la Comunidad Autónoma Gallega. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, *4*. <https://revistas.um.es/cpd/article/view/112451>
- Hayes, M., Filo, K., Geurin, A., & Riot, C. (2020). An exploration of the distractions inherent to social media use among athletes. *Sport Management Review*, *23*(5), 852–868. <https://doi.org/10.1016/j.smr.2019.12.006>
- Hurtado, L. C. (2020). *Arbitraje y emociones en una muestra de árbitros ilicitanos*. <http://dspace.umh.es/handle/11000/6314>
- Hutcheson, G. D. & Sofroniou, N. (1999). *The multivariate social scientist: Introductory statistics using generalized linear models*. London: Sage Publications
- Jain, A. (2018). Holistic View of Emotional Intelligence in the Workplace: View on Utilization & Benefits. *Journal of Services Research*, *18*(2), 153–164.
- Jenaro, C., Flores, N., & Frías, C. P. (2018). Systematic review of empirical studies on cyberbullying in adults: What we know and what we should investigate. *Aggression and Violent Behavior*, *38*, 113–122. doi:10.1016/j.avb.2017.12.003
- Jewett, R., Kerr, G., MacPherson, E., & Stirling, A. (2020). Experiences of bullying victimisation in female interuniversity athletes. *International Journal of Sport and*

Exercise Psychology, 18(6), 818–832.
<https://doi.org/10.1080/1612197X.2019.1611902>

- Kerkoski, J. M. (2008). *Prática Desportiva e Inteligência Emocional Estudo da Influência do Desporto na Aquisição de Aptidões e Competências de Inteligência Emocional* (Tese de Doutoramento, Universidade do Minho Instituto de Estudos da Criança). Recuperado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9947>
- Kopp, A., & Jekauc, D. (2018). The Influence of Emotional Intelligence on Performance in Competitive Sports: A Meta-Analytical Investigation. *Sports*, 6(4).
<https://doi.org/10.3390/sports6040175>
- Laborde, S., Dosseville, F., Guillén, F., & Chávez, E. (2014). Validity of the trait emotional intelligence questionnaire in sports and its links with performance satisfaction. *Psychology of Sport and Exercise*, 15(5), 481–490.
<https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2014.05.001>
- Lourenço, J., Almagro, B., & Buñuel, P. (2018). Validação do Questionário de Perceção do Rendimento no Desporto (QPRD)/Validation of the Perceived Performance in Sport Questionnaire / Validación del Cuestionariode Rendimiento Percibido en el Deporte. *E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte*, 14.
- Marôco, J. (2010). Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações. ReportNumber, Lda.
- Marôco, J. (2014). Análise Estatística com o SPSS Statistics. 6a edição. Pêro Pinheiro: ReportNumber, Lda
- Marôco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. *Laboratório de psicologia*, 4(1), 65-90.
- Mayer, J. D., & Caruso, D. (2002). The effective leader: Understanding and applying emotional intelligence. *Ivey Business Journal*, 67, 1–5.
- McQuade, S. C., Colt, J. P., Meyer, N. B. B., & Meyer, N. B. B. (2009). *Cyber Bullying: Protecting Kids and Adults from Online Bullies*. Praeger Publishers.
- Méndez, I., Jorquera, A. B., Ruiz-Esteban, C., Martínez-Ramón, J. P., & Fernández Sogorb, A. (2019). *Emotional Intelligence, Bullying, and Cyberbullying in Adolescents*. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(23), 4837. doi:10.3390/ijerph16234837

- Mishna, F., Kerr, G., McInroy, L. B., & MacPherson, E. (2019). *Student athletes' experiences of bullying in intercollegiate sport. Journal for the Study of Sports and Athletes in Education, 1–21*. doi:10.1080/19357397.2019.1581512
- Morão, K. G., Bagni, G., Verzani, R. H., Machado, A. A., & Fischer, C. N. (2020). Os Perigos das Mídia Digitais: Alterações Psicológicas em Futebolistas Brasileiros/The Risk of Digital Media: Psychological Changes in Brazilian Footballers. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol, 12(47)*, 67–75.
- Morão, K., Bagni, G., Verzani, R., & Machado, A. (2020B). O lado obscuro do mundo virtual e seus desdobramentos em atletas de esportes de raquete. *Caderno de Educação Física e Esporte, 18(2)*, 31-37. doi:https://doi.org/10.36453/23185104.2020.v18.n2.p31
- Moreira, V. L. (2017). A Importância da Inteligência Emocional nas Organizações. *Gestão e Desenvolvimento em Revista, 3(1)*, 84–96.
- Oblad, T. (2019). Cyberbullying among Emerging Adults: Exploring Prevalence, Impact, and Coping Methods. *International Journal of Criminology and Sociology, 8(0)*, 45-54–54.
- Orhan, S., Serdar, A., & Savucu, Y. (2017). Analysis on the Cyber Victimization and Awareness of Classification Basketball Referees in Turkey. <https://doi.org/10.17363/SSTB.2017.3.3>
- Otten, M. (2009). Choking vs. clutch performance: a study of sport performance under pressure. *Journal of Sport & Exercise Psychology, 31(5)*, 583–601.
- Pingault, J.-B., & Schoeler, T. (2017). Assessing the consequences of cyberbullying on mental health. *Nature Human Behaviour, 1(11)*, 775–777. <https://doi.org/10.1038/s41562-017-0209-z>
- Pinto, T. M. G., & Cunha, M. (Orientadora). (2011). *Cyberbullying: Estudo da prevalência de comportamentos de cyberbullying e sua relação com vivências de vergonha e estados emocionais negativos*. <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/139>
- Ribeiro, H. N., Fernandes, A. R. R., Viana, M. da S., Brandt, R., & Andrade, A. (2012). Estados de humor de árbitros de futebol não-profissional. *Revista da Educação Física/UEM, 23(4)*, 575–583. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v23.4.16139>

- Ruiz-Barquín, R., & García-Naveira, A. (2013). *Personalidade, idade e desempenho esportivo em jogadores de futebol do modelo Costa e McCrae*. *Annals of Psychology*, 29(3). doi: 10.6018 / analesps.29.3.175771
- Rullang, C., Emrich, E., & Pierdzioch, C. (2017). Why do referees end their careers and which factors determine the duration of a referee's career? *CISS 2017*. https://doi.org/10.15203/CISS_2017.006
- Salovey, P., & Mayer, J. D. (1990). Emotional Intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, 9(3), 185–211. doi:10.2190/dugg-p24e-52wk-6cdg
- Salovey, P., Mayer, J., Goldman, S., Turvey, C., & Palfai, T. (1995). Emotional attention, clarity, and repair: Exploring emotional intelligence using the Trait Meta-Mood Scale. In J. Pennebaker (Ed.) *Emotion, Disclosure, and Health* (125-154).
- Ševčíková, A., & Šmahel, D. (2009). Online Harassment and Cyberbullying in the Czech Republic. *Zeitschrift Für Psychologie / Journal of Psychology*, 217(4), 227-229. doi:10.1027/0044-3409.217.4.227
- Silva, F. I. D. (2017). *Cyberbullying e Ideação Suicida: Relação com Estados de Humor e Consumo de Substâncias Psicoativas* (Tese de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Covilhã). Recuperada de <http://www.fcsaude.ubi.pt/thesis2/tema.php?id=22befeab3f00d714>
- Souza, A. C. de, Alexandre, N. M. C., Guirardello, E. de B., Souza, A. C. de, Alexandre, N. M. C., & Guirardello, E. de B. (2017). *Propriedades psicométricas na avaliação de instrumentos: avaliação da confiabilidade e da validade*. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 26(3), 649–659. doi:10.5123/s1679 49742017000300022
- Velho, N. M., & Fialho, A. F. P. (2015). Competências básicas na formação de árbitros de futebol. *EFDeportes.com, Revista Digital*, 20(208). Recuperado de <http://www.efdeportes.com/efd208/competencias-basicas-de-arbitros-de-futebol.htm>
- Yilmaz, H. I., & Karahuseyinoglu, F. M. (2017). Futbol Hakemlerinin İnternet Kullanımı ve Sanal Duyarlılıkları. *Researcher Social Science Studies*, 5(10), 200–210. <https://doi.org/10.18301/rss.344>
- Wolfson, S. & Neave, N. (2007). Coping under pressure: Cognitive strategies formaintaining confidence among soccer referees. *Journal of Sport Behavior*, 30, 232-247. doi:10.1108/09696470610667760

ANEXOS

ANEXO A – Questionário

Instruções Iniciais

No âmbito da finalização do Mestrado na área de Psicologia Social e das Organizações, realizada no ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, estamos a realizar um estudo para o qual necessitamos da sua participação.

Os objetivos do estudo são perceber o impacto das redes sociais nos árbitros e a relação com um conjunto de características psicológicas nos mesmos. Este questionário tem duração de cerca de 10 minutos.

Não existem quaisquer riscos ou custos inerentes à participação nestes estudos. Todos os dados recolhidos são confidenciais e apenas utilizados para fins académicos.

Se tiver qualquer questão relativamente à sua participação pode contactar-nos através do seguinte e-mail: investigacaoarbitros@gmail.com

Ao clicar para continuar concorda que leu este consentimento informado, sendo a sua participação inteiramente voluntária, podendo desistir do mesmo a qualquer momento se assim o desejar.

Muito obrigada pela sua participação,

Marta Fernandes

Inês Santos

Começamos por pedir-lhe que responda a algumas questões a seu respeito:

Idade:

Género:

Masculino

Feminino

Outro

Indique as suas habilitações literárias:

1º ciclo

2º ciclo

3º ciclo

Ensino Secundário

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

Que modalidade arbitra?

Há quantos anos é árbitro?

Qual o seu estatuto na arbitragem?

Profissional

Não-profissional

Qual o nível mais alto que já arbitrou?

Internacional

Nacional

Distrital

Qual o número de jogos que arbitrou na época 2020-2021?

Qual o número de jogos que arbitra em média durante uma época?

De seguida, iremos colocar algumas questões relativamente à utilização que faz das redes sociais.

Das redes sociais abaixo selecione aquelas onde tem um perfil:

Facebook

Twitter

Instagram

YouTube

LinkedIn

Outro(s) _____

Das redes sociais abaixo selecione aquelas que costuma consultar com mais frequência:

Facebook

Twitter

Instagram

YouTube

LinkedIn

Outro(s) _____

Das redes sociais abaixo selecione aquela (s) cujas publicações atribui mais importância:

Facebook

Twitter

Instagram

YouTube

LinkedIn

Outro(s) _____

Em média, num dia quantas horas costuma utilizar as redes sociais?

Com que frequência costuma consultar notícias/opiniões sobre os jogos que arbitra?

1. Nunca
2. Pouco Frequentemente
3. Às Vezes
4. Muito Frequentemente
5. Sempre

Qual o grau de importância que atribui às opiniões publicadas sobre si nas redes sociais:

- 1 – Nenhuma
- 2
- 3
- 4
- 5 – Muita

Secção I

Leia atentamente cada uma das afirmações e assinale a que melhor corresponde à frequência com que possa ter sofrido algumas destas ações, numa escala entre 0 "Nunca" e 2 "Muitas Vezes".

	Nunca 0	Às Vezes 1	Muitas Vezes 2
1. Receber mensagens ameaçadoras ou insultuosas por e-mail.			
2. Receber mensagens ameaçadoras ou insultuosas por telemóvel.			
3. Receber mensagens ameaçadoras ou insultuosas nas redes sociais.			
4. Colocarem fotografias minhas na internet que podem ser humilhantes.			
5. Escreverem na internet piadas, boatos, mentiras ou comentários que me fazem parecer ridículo/a.			
6. Roubarem a minha identidade online (roubo de passwords, etc.) e enviarem mensagens em meu nome.			
7. Filmarem-me ou fotografarem-me enquanto sou forçado a fazer algo humilhante.			
8. Filmarem-me ou fotografarem-me enquanto me agridem fisicamente.			
9. Filmarem-me ou fotografarem-me enquanto me agridem verbalmente.			
10. Divulgar online informação confidencial a meu respeito.			
11. Ser removido(a) intencionalmente de um grupo online.			
12. Receber sistematicamente mensagem muito ameaçadoras ou intimidatórias online.			
13. Filmarem-me ou fotografarem-me em algum tipo de comportamento de cariz sexual.			

Secção II

Neste questionário encontrará algumas afirmações sobre as suas emoções e sentimentos. Leia atentamente cada frase e indique, por favor, o grau em que está de acordo ou desacordo com cada uma delas marcando o número que mais se aproxima das suas preferências, numa escala entre 1 "Discordo Totalmente" e 5 "Concordo Totalmente".

	Discordo Totalmente 1	Discordo em Parte 2	Não concordo nem discordo 3	Concordo em Parte 4	Concordo Totalmente 5
1. Presto muita atenção aos meus sentimentos.					
2. Preocupo-me muito com os meus sentimentos.					
3. Acho que é útil pensar nas minhas emoções.					
4. Vale a pena prestar atenção às minhas emoções e estados de espírito.					
5. Deixo que os meus sentimentos se intrometam com os meus pensamentos.					
6. Penso constantemente no meu estado de espírito.					
7. Penso muitas vezes nos meus sentimentos.					
8. Presto muita atenção aquilo que sinto.					
9. Normalmente sei o que estou a sentir.					
10. Muitas vezes consigo saber aquilo que sinto.					

11. Quase sempre sei exatamente aquilo que sinto.					
12. Normalmente conheço os meus sentimentos sobre as pessoas ou qualquer assunto.					
13. Tenho, muitas vezes, consciência do que sinto sobre qualquer assunto.					
14. Consigo sempre explicar o que sinto.					
15. Às vezes, consigo explicar as minhas emoções.					
16. Consigo perceber aquilo que sinto.					
17. Embora, por vezes, esteja triste tenho, quase sempre, uma atitude otimista.					
18. Mesmo que me sinta mal, tento pensar em coisas agradáveis.					
19. Quando me aborreço, penso nas coisas agradáveis da vida.					
20. Tento ter pensamentos positivos mesmo que me sinta mal.					
21. Se sinto que estou a perder a cabeça, tento acalmar-me.					

22. Preocupo-me em manter um bom estado de espírito.					
23. Tenho sempre muita energia quando estou feliz.					
24. Quando estou zangado(a) procuro mudar a minha disposição.					

Secção III

Leia cuidadosamente cada afirmação e escolha a opção mais indicada face às provas/jogos que realizou até agora, numa escala entre 1 "Não Concordo" e 5 "Concordo Totalmente".

	Não concordo 1	Concordo um Pouco 2	Concordo Moderadamente 3	Concordo Bastante 4	Concordo Totalmente 5
1. Tive o rendimento desportivo que pretendia.					
2. Atingi os meus objetivos desportivos.					
3. Alcancei o sucesso desportivo que desejava.					
4. Melhorei as minhas capacidades ao nível que pretendia.					
5. Senti-me satisfeito(a) como árbitro.					

Secção IV

Muitos atletas ficam tensos ou nervosos antes ou durante as competições.

Leia cada questão com atenção e, de seguida, assinale o número que indica como HABITUALMENTE se sente antes ou durante uma competição desportiva, numa escala entre 1 "Nada" e 4 "Muito".

Antes ou durante as competições...

	Nada 1	Pouco 2	Razoavelmente 3	Muito 4
1. É difícil concentrar-me no jogo.				
2. O meu corpo fica tenso.				
3. Tenho medo de não arbitrar bem.				
4. É difícil para mim concentrar-me no que é suposto fazer.				
5. Tenho medo de desapontar os outros.				
6. Sinto um nó no estômago.				
7. Perco a concentração no jogo.				
8. Tenho medo de não arbitrar o melhor que consigo.				
9. Tenho medo de arbitrar mal.				
10. Sinto os músculos a tremer.				
11. Tenho medo de cometer um erro durante o jogo.				
12. Dói-me o estômago.				
13. Não consigo pensar com clareza durante o jogo.				
14. Os meus músculos ficam tensos porque estou nervoso(a).				

Secção V

De seguida, irão ser apresentadas afirmações que deverá responder tendo em conta uma escala de concordância de 1 "Discordo totalmente" a 5 "Concordo totalmente".

	Discordo Totalmente 1	Discordo Parcialmente 2	Nem concordo nem discordo 3	Concordo Parcialmente 4	Concordo Totalmente 5
1. Gosto de confiar nas minhas intuições durante o jogo.					
2. Usar a minha intuição costuma funcionar bem quando tenho de resolver problemas durante um jogo.					
3. Não sou muito intuitivo(a) durante o jogo.					
4. A intuição pode ser uma forma muito útil de resolver problemas durante o jogo.					
5. Não acho que seja uma boa ideia confiar na intuição para tomar decisões importantes durante o jogo.					
6. Acho que em certos momentos do jogo é necessário confiar na nossa intuição.					
7. Acho que é insensato tomar decisões importantes, durante o jogo, com base na minha intuição.					

8. Se eu confiasse nos meus instintos, durante o jogo, cometeria erros com frequência.					
9. Acho que os meus palpites durante o jogo são precisos tão frequentemente quanto são imprecisos.					
10. Os meus instintos provavelmente não são tão bons quanto os dos outros árbitros.					
11. Não gosto de pensar muito durante o jogo.					
12. Gosto de resolver problemas difíceis durante o jogo que exigem muito raciocínio.					
13. Não sou muito bom (boa) a resolver problemas complicados durante o jogo.					
14. Não sou um árbitro que fica a analisar as coisas.					
15. Durante o jogo, prefiro decisões complexas a decisões simples.					
16. Sob pressão de um jogo não consigo raciocinar bem.					
17. Não tenho dificuldades em refletir sobre acontecimentos durante o jogo com clareza.					

18. No decorrer de um jogo, obter a resposta para uma situação sem entender o raciocínio que está por detrás é o suficiente para mim.					
19. Durante o jogo, as razões por detrás das minhas decisões são claramente explicáveis.					
20. Na minha vida profissional, usar a lógica costuma funcionar bem para resolver problemas.					

O questionário chegou ao fim.

Agradecemos a sua participação neste estudo.

Marta Fernandes

Inês Santos

ANEXO B – Estatística Descritiva da Amostra

Idade

Estatística Descritiva

	N	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio
Idade	398	16,00	58,00	29,8166	8,33608
N válido (de lista)	398				

Género

Género

		Frequência	Percentage m	Percentage m válida	Percentage m acumulativa
Válido	Masculino	350	87,9	87,9	87,9
	Feminino	48	12,1	12,1	100,0
	Total	398	100,0	100,0	

Habilitações Literárias

Indique as suas habilitações literárias

		Frequência	Percentage m	Percentage m válida	Percentage m acumulativa
Válido	2º Ciclo	3	,8	,8	,8
	3º Ciclo	15	3,8	3,8	4,5
	Ensino Secundário	188	47,2	47,2	51,8
	Licenciatura	136	34,2	34,2	85,9
	Mestrado	54	13,6	13,6	99,5
	Doutoramento	2	,5	,5	100,0
	Total	398	100,0	100,0	

Modalidade

Que modalidade arbitra?

		Frequência	Percentage m	Percentage m válida	Percentage m acumulativa
Válido	Futebol	302	75,9	75,9	75,9
	Futsal	96	24,1	24,1	100,0
	Total	398	100,0	100,0	

Antiguidade

Estatística Descritiva

	N	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio
Há quantos anos é árbitro?	398	1,00	39,00	9,6407	6,78792
N válido (de lista)	398				

Estatuto

Qual o seu estatuto na arbitragem?

	Frequência	Percentage m	Percentage m válida	Percentage m acumulativa
Válido Profissional	18	4,5	4,5	4,5
o Não-profissional	380	95,5	95,5	100,0
Total	398	100,0	100,0	

Nível

Qual o nível mais alto que já arbitrou?

	Frequência	Percentage m	Percentage m válida	Percentage m acumulativa
Válido Internacional	23	5,8	5,8	5,8
Nacional	224	56,3	56,3	62,1
Distrital	151	37,9	37,9	100,0
Total	398	100,0	100,0	

Número Médio de Jogos Numa Época

Estatística Descritiva

	N	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio
Qual o número de jogos que arbitra em média durante uma época?	398	2,00	330,00	69,2613	50,22170
N válido (de lista)	398				

Número jogos 2020-2021

Estatística Descritiva

	N	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio
Qual o número de jogos que arbitrou na época 2020-2021?	398	,00	200,00	12,1030	17,53735
N válido (de lista)	398				

Número Médio de Horas Por Dia Passadas nas Redes Sociais

Estatística Descritiva

	N	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio
Em média, num dia quantas horas costuma utilizar as redes sociais?	398	,00	14,00	2,0343	1,59112
N válido (de lista)	398				

Frequência de Consulta de Notícias/ Opiniões Sobre Jogos que Arbitra

Com que frequência costuma consultar notícias/opiniões sobre os jogos que arbitra?

		Frequência	Percentage m	Percentage m válida	Percentage m acumulativa
Válido	Nunca	35	8,8	8,8	8,8
	1 Pouco Frequentemente	80	20,1	20,1	28,9
	2 Às Vezes	136	34,2	34,2	63,1
	3 Muito Frequentemente	100	25,1	25,1	88,2
	4 Sempre	47	11,8	11,8	100,0
	5 Total	398	100,0	100,0	

Grau de Importância que Atribui a Opiniões Sobre Si nas Redes Sociais

Qual o grau de importância que atribui às opiniões publicadas sobre si nas redes sociais:

		Frequência	Percentage m	Percentage m válida	Percentage m acumulativa
Válido	Nenhuma	129	32,4	32,4	32,4
	1				
	2	130	32,7	32,7	65,1
	3	90	22,6	22,6	87,7
	4	32	8,0	8,0	95,7
	Muita	17	4,3	4,3	100,0
	5				
	Total	398	100,0	100,0	

ANEXO C – Estudo das Qualidades Métricas da Escala do *Cyberbullying*

Fiabilidade

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,795	13

Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
CBQ_1	1,27	4,371	,418	,783
CBQ_2	1,26	4,085	,597	,767
CBQ_3	1,02	3,609	,529	,777
CBQ_4	1,22	3,973	,599	,765
CBQ_5	1,05	3,585	,568	,770
CBQ_6	1,30	4,456	,394	,785
CBQ_7	1,33	4,659	,380	,789
CBQ_8	1,34	4,916	,038	,801
CBQ_9	1,20	4,079	,436	,782
CBQ_10	1,26	4,162	,538	,772
CBQ_11	1,27	4,525	,268	,794
CBQ_12	1,28	4,157	,626	,767
CBQ_13	1,34	4,926	-,008	,801

Sensibilidade

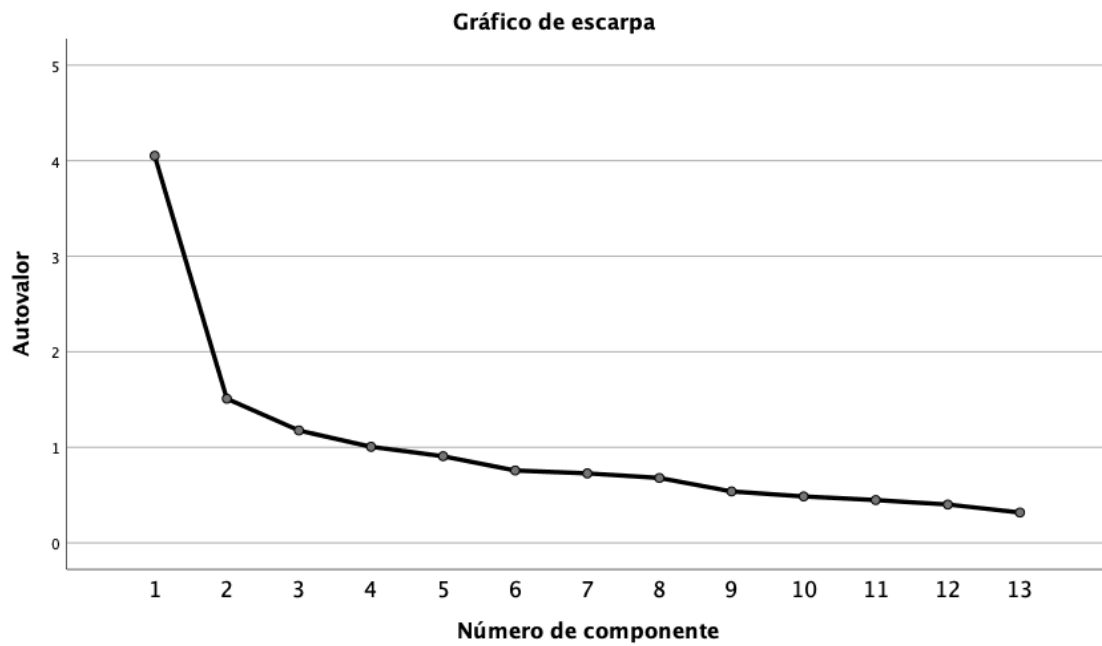
Statistics

N		Mean	Median	Std. Deviation	Skewness	Std. Error of Skewness	Kurtosis	Std. Error of Kurtosis	Minimum	Maximum
Valid	Missing									
398	0	1,3442	1,0000	2,21958	3,221	,122	15,537	,244	,00	19,00

Validade – Análise Fatorial Exploratória

Teste de KMO e Bartlett

Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem.		,822
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui-quadrado	1298,313
	gl	78
	Sig.	,000



Matriz de componente^a

	Componente
	1
CBQ_12	,741
CBQ_2	,714
CBQ_4	,702
CBQ_5	,663
CBQ_10	,658
CBQ_3	,626
CBQ_9	,545
CBQ_6	,520
CBQ_7	,509
CBQ_1	,507
CBQ_11	,385
CBQ_8	,042
CBQ_13	-,016

Método de Extração:
análise de Componente
Principal.

a. 1 componentes
extraídos.

Validade – Análise Fatorial Confirmatória

Test for Exact Fit

χ^2	df	p
367	65	<.001

Fit Measures

CFI	TLI	RMSEA	RMSEA 90% CI	
			Lower	Upper
0.757	0.708	0.108	0.0974	0.119

ANEXO D – Estudo das Qualidades Métricas da Escala TMMS-24

Geral

Fiabilidade

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,861	24

Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
TMMS_1	86,52	104,336	,501	,854
TMMS_2	86,56	103,960	,519	,853
TMMS_3	86,43	105,122	,460	,855
TMMS_4	86,30	105,883	,449	,855
TMMS_5	87,65	110,459	,122	,868
TMMS_6	87,37	105,448	,325	,861
TMMS_7	87,19	105,638	,341	,860
TMMS_8	86,81	103,321	,507	,853
TMMS_9	86,58	103,968	,539	,853
TMMS_10	86,60	104,735	,518	,853
TMMS_11	86,80	104,299	,495	,854
TMMS_12	86,65	106,722	,436	,856
TMMS_13	86,64	107,053	,426	,856
TMMS_14	87,18	105,244	,436	,856
TMMS_15	86,98	106,237	,411	,857
TMMS_16	86,65	105,456	,544	,853
TMMS_17	86,64	106,039	,367	,858
TMMS_18	86,54	105,771	,445	,856
TMMS_19	86,70	104,226	,468	,855
TMMS_20	86,55	105,658	,424	,856
TMMS_21	86,41	107,310	,363	,858
TMMS_22	86,20	107,132	,464	,856
TMMS_23	86,08	109,436	,301	,860
TMMS_24	86,67	105,996	,419	,856

Sensibilidade

Estatísticas

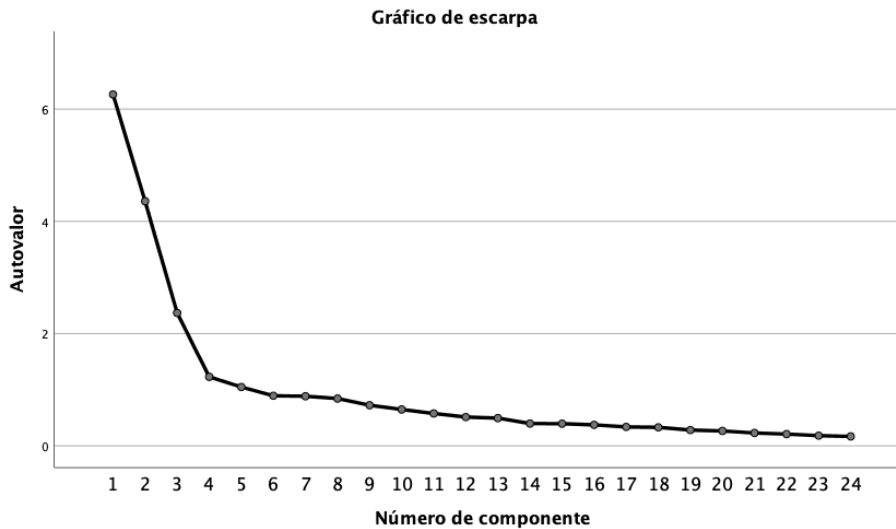
TMMS

N								
Válido	Omisso	Média	Mediana	Desvio Padrão	Assimetria	Curtose	Mínimo	Máximo
398	0	3,77	3,75	,45	,00	,16	2,38	4,92

Validade – Análise Fatorial Exploratória

Teste de KMO e Bartlett

Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem.		,859
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui-quadrado	4985,272
	gl	276
	Sig.	,000



Matriz de componente rotativa^a

	Componente		
	1	2	3
TMMS_7	,812		
TMMS_2	,806		
TMMS_1	,784		
TMMS_8	,781		
TMMS_4	,738		
TMMS_6	,728		
TMMS_3	,700		
TMMS_5	,586		
TMMS_10		,822	
TMMS_11		,782	
TMMS_9		,778	
TMMS_16		,773	
TMMS_13		,710	
TMMS_12		,650	
TMMS_14		,583	
TMMS_15		,504	
TMMS_20			,844
TMMS_18			,798
TMMS_19			,796
TMMS_17			,726
TMMS_22			,665
TMMS_24			,602
TMMS_21			,595
TMMS_23			,372

Método de Extração: análise de Componente Principal.

Método de Rotação: Varimax com Normalização de Kaiser.

a. Rotação convergida em 5 iterações.

Validade – Análise Fatorial Confirmatória

Test for Exact Fit

χ^2	df	p
3568	252	<.001

Fit Measures

CFI	TLI	RMSEA	RMSEA 90% CI	
			Lower	Upper
0.314	0.249	0.182	0.177	0.187

Dimensão Atenção

Fiabilidade

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,882	8

Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
TMMS_1	24,93	27,479	,696	,863
TMMS_2	24,98	27,209	,722	,860
TMMS_3	24,84	28,293	,605	,871
TMMS_4	24,72	28,320	,650	,868
TMMS_5	26,07	28,171	,475	,886
TMMS_6	25,79	26,066	,639	,869
TMMS_7	25,61	25,639	,733	,858
TMMS_8	25,23	26,672	,715	,860

Sensibilidade

Estatísticas

TMMS_Atenção

N	Válido	398
	Omisso	0
Média		3,6102
Mediana		3,6250
Erro Desvio		,73926
Assimetria		-,660
Erro de assimetria padrão		,122
Curtose		,934
Erro de Curtose padrão		,244
Mínimo		1,00
Máximo		5,00

Validade – Análise Fatorial Exploratória

Teste de KMO e Bartlett

Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem.			,848
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui-quadrado	1768,480	
	gl		28
	Sig.		,000

Dimensão Clareza

Fiabilidade

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,869	8

Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
TMMS_9	25,76	18,353	,701	,845
TMMS_10	25,78	18,368	,735	,841
TMMS_11	25,98	18,158	,692	,845
TMMS_12	25,83	19,952	,547	,861
TMMS_13	25,82	19,752	,594	,857
TMMS_14	26,36	19,043	,556	,862
TMMS_15	26,17	20,026	,462	,871
TMMS_16	25,84	19,052	,731	,843

Sensibilidade

Estatísticas

TMMS_Clareza

N	Válido	398
	Omisso	0
Média		3,7063
Mediana		3,7500
Erro Desvio		,61840
Assimetria		-,445
Erro de assimetria padrão		,122
Curtose		,692
Erro de Curtose padrão		,244
Mínimo		1,00
Máximo		5,00

Validade – Análise Fatorial Exploratória

Teste de KMO e Bartlett

Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem.		,853
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui-quadrado	1572,839
	gl	28
	Sig.	,000

Dimensão Recuperação

Fiabilidade

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,852	8

Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
TMMS_17	28,11	17,811	,631	,830
TMMS_18	28,00	18,068	,707	,820
TMMS_19	28,17	17,368	,706	,819
TMMS_20	28,02	17,471	,749	,814
TMMS_21	27,87	19,531	,500	,845
TMMS_22	27,67	19,724	,603	,835
TMMS_23	27,55	21,497	,306	,863
TMMS_24	28,14	19,095	,533	,841

Sensibilidade

Estatísticas

TMMS_Recuperação

N	Válido	398
	Omisso	0
Média		3,9915
Mediana		4,0000
Erro Desvio		,61331
Assimetria		-,450
Erro de assimetria padrão		,122
Curtose		-,048
Erro de Curtose padrão		,244
Mínimo		2,25
Máximo		5,00

Validade – Análise Fatorial Exploratória

Teste de KMO e Bartlett

Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem.			,874
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui-quadrado	1268,652	
	gl	28	
	Sig.		,000

ANEXO E – Estudo das Qualidades Métricas da Escala Rendimento

Fiabilidade

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,865	5

Estatísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
QPRD_1	13,36	12,271	,724	,827
QPRD_2	13,63	11,041	,800	,805
QPRD_3	13,82	11,070	,758	,817
QPRD_4	13,15	12,725	,649	,845
QPRD_5	12,64	14,116	,507	,875

Sensibilidade

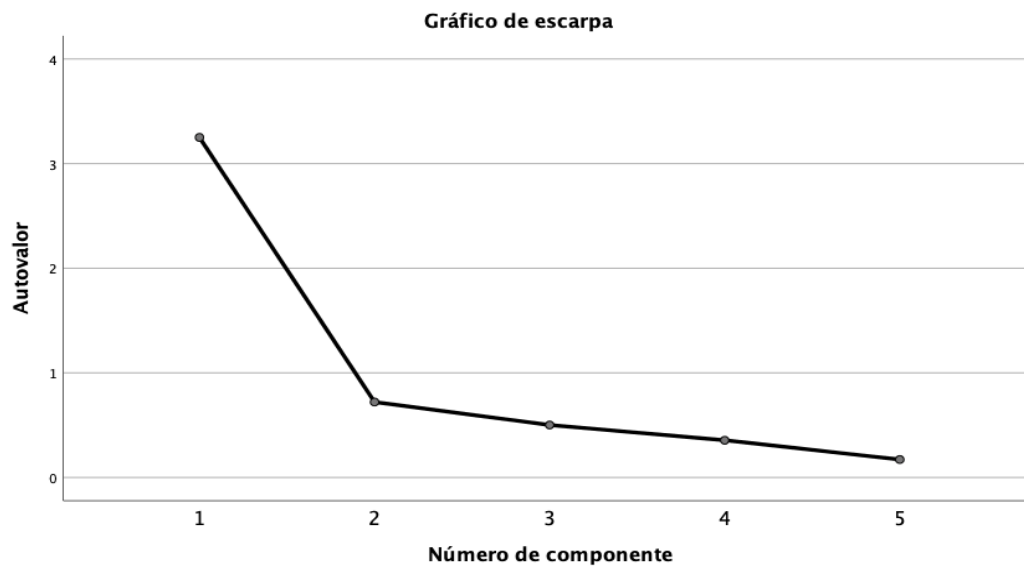
Estatísticas

QPRD		N		Média		Mediana		Erro Desvio		Assimetria		Erro de assimetria padrão		Curtose		Erro de Curtose padrão		Mínimo		Máximo	
Válido	Omisso	398	0	3,3296	3,4000	,86036	-,411	,122	-,132	,244	1,00	5,00									

Validade – Análise Fatorial Exploratória

Teste de KMO e Bartlett

Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem.			,811
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui-quadrado	1039,606	
	gl	10	
	Sig.		,000



Matriz de componente^a

	Component e
	1
QPRD_2	,887
QPRD_3	,861
QPRD_1	,836
QPRD_4	,776
QPRD_5	,648

Método de Extração:
análise de Componente
Principal.

a. 1 componentes
extraídos.

Validade – Análise Fatorial Confirmatória

Test for Exact Fit

χ^2	df	p
58.4	5	<.001

Fit Measures

			RMSEA 90% CI	
CFI	TLI	RMSEA	Lower	Upper
0.949	0.897	0.164	0.128	0.203

ANEXO F – Testes de Normalidade

Escala Cyberbullying

Testes de Normalidade

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Estatística	gl	Sig.	Estatística	gl	Sig.
CBQ_soma	,275	398	,000	,635	398	,000

a. Correlação de Significância de Lilliefors

Escala TMMS-24

Testes de Normalidade

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Estatística	gl	Sig.	Estatística	gl	Sig.
TMMS_media	,047	398	,034	,994	398	,154

a. Correlação de Significância de Lilliefors

Escala do Rendimento

Testes de Normalidade

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Estatística	gl	Sig.	Estatística	gl	Sig.
Rendimento	,095	398	,000	,978	398	,000

a. Correlação de Significância de Lilliefors

ANEXO G – Correlações entre Variáveis

Correlações

		CBQ	TMMS	TMMS_At enção	TMMS_Cl areza	TMMS_Re cuperação	Rendiment o
CBQ	Correlação de Pearson	1	-,044	,113*	-,079	-,153**	,030
	Sig. (2 extremidades)		,382	,024	,114	,002	,556
	N	398	398	398	398	398	398
TMMS	Correlação de Pearson	-,044	1	,632**	,740**	,674**	,196*
	Sig. (2 extremidades)	,382		,000	,000	,000	,000
	N	398	398	398	398	398	398
TMMS_Atensão	Correlação de Pearson	,113*	,632**	1	,144*	,028	,050
	Sig. (2 extremidades)	,024	,000		,004	,576	,315
	N	398	398	398	398	398	398
TMMS_Clareza	Correlação de Pearson	-,079	,740**	,144*	1	,432**	,174*
	Sig. (2 extremidades)	,114	,000	,004		,000	,000
	N	398	398	398	398	398	398
TMMS_Recuperação	Correlação de Pearson	-,153**	,674**	,028	,432**	1	,190*
	Sig. (2 extremidades)	,002	,000	,576	,000		,000
	N	398	398	398	398	398	398
Rendimento	Correlação de Pearson	,030	,196*	,050	,174*	,190*	1
	Sig. (2 extremidades)	,556	,000	,315	,000	,000	
	N	398	398	398	398	398	398

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Correlações entre o *Cyberbullying* e a *Performance* nos Diferentes Níveis de Arbitragem *Cyberbullying – Performance (Internacional)*

Correlations

		CBQ	Rendiment o
CBQ	Pearson Correlation	1	,229
	Sig. (2-tailed)		,293
	N	23	23
Rendimento	Pearson Correlation	,229	1
	Sig. (2-tailed)	,293	
	N	23	23

Cyberbullying – Performance (Nacional)

Correlations

		CBQ	Rendiment o
CBQ	Pearson Correlation	1	-,074
	Sig. (2-tailed)		,268
	N	224	224
Rendimento	Pearson Correlation	-,074	1
	Sig. (2-tailed)	,268	
	N	224	224

Cyberbullying – Performance (Distrital)

Correlations

		CBQ	Rendiment o
CBQ	Pearson Correlation	1	-,045
	Sig. (2-tailed)		,583
	N	151	151
Rendimento	Pearson Correlation	-,045	1
	Sig. (2-tailed)	,583	
	N	151	151

ANEXO H – Testes de Hipóteses

Regressão: Cyberbullying – Performance

Resumo do modelo

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa
1	,030 ^a	,001	-,002	,86107

a. Preditores: (Constante), CBQ

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	,257	1	,257	,347	,556 ^b
	Resíduo	293,613	396	,741		
	Total	293,870	397			

a. Variável Dependente: QPRD

b. Preditores: (Constante), CBQ

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		95,0% Intervalo de Confiança para B		
		B	Erro	Beta	t	Sig.	Limite inferior	Limite superior
1	(Constante)	3,314	,050		65,658	,000	3,215	3,413
	CBQ	,011	,019	,030	,589	,556	-,027	,050

a. Variável Dependente: QPRD

Moderação

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 3.5.3 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
Documentation available in Hayes (2018). www.guilford.com/p/hayes3

Model : 1
Y : Rend
X : CBQ
W : Estatuto

Sample Size: 398

OUTCOME VARIABLE:
Rend

Model Summary							
	R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
	.167	.028	.725	3.761	3.000	394.000	.011

Model						
	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	3.225	.445	7.255	.000	2.351	4.099
CBQ	.338	.107	3.150	.002	.127	.549
Estatuto	.046	.225	.204	.838	-.397	.489
Int_1	-.177	.057	-3.130	.002	-.289	-.066

Product terms key:
 Int_1 : CBQ x Estatuto

Test(s) of highest order unconditional interaction(s):					
	R2-chng	F	df1	df2	p
X*W	.024	9.794	1.000	394.000	.002

 Focal predict: CBQ (X)
 Mod var: Estatuto (W)

Conditional effects of the focal predictor at values of the moderator(s):

Estatuto	Effect	se	t	p	LLCI	ULCI
1.000	.161	.053	3.055	.002	.057	.264
2.000	-.017	.021	-.789	.430	-.058	.025

Data for visualizing the conditional effect of the focal predictor:
 Paste text below into a SPSS syntax window and execute to produce plot.

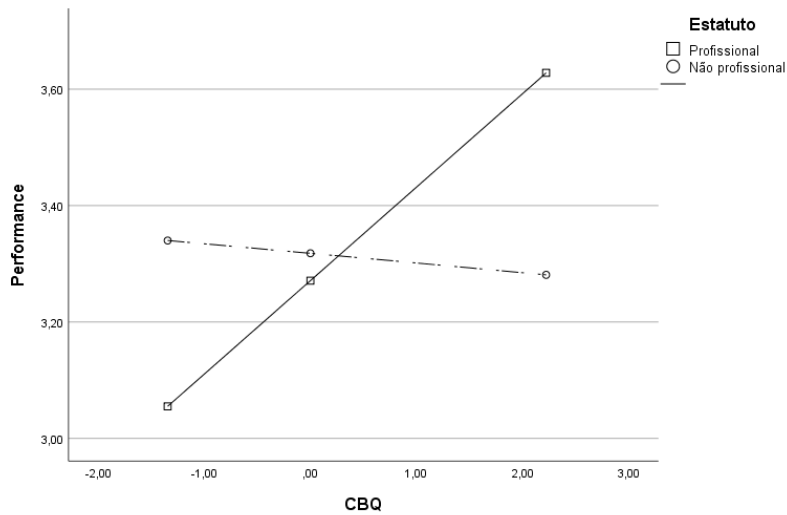
```
DATA LIST FREE/
  CBQ      Estatuto  Rend      .
BEGIN DATA.
  -1.344   1.000     3.055
   .000    1.000     3.271
   2.220   1.000     3.628
  -1.344   2.000     3.340
   .000    2.000     3.318
   2.220   2.000     3.281
END DATA.
GRAPH/SCATTERPLOT=
  CBQ      WITH      Rend      BY      Estatuto .
```

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:
 95.0000

NOTE: The following variables were mean centered prior to analysis:
 CBQ

----- END MATRIX -----



Regressão: Inteligência Emocional – Performance

Resumo do modelo

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa
1	,196 ^a	,038	,036	,84482

a. Preditores: (Constante), TMMS
ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	11,239	1	11,239	15,747	,000 ^b
	Resíduo	282,632	396	,714		
	Total	293,870	397			

a. Variável Dependente: QPRD

b. Preditores: (Constante), TMMS

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		95,0% Intervalo de Confiança para B		
		B	Erro	Beta	t	Limite inferior	Limite superior	
1	(Constante)	1,907	,361		5,285	,000	1,198	2,617
	TMMS	,377	,095	,196	3,968	,000	,190	,564

a. Variável Dependente: QPRD

Moderação

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 3.5 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
Documentation available in Hayes (2018). www.guilford.com/p/hayes3

Model : 1
Y : Rend
X : CBQ
W : TMMS

Sample
Size: 398

OUTCOME VARIABLE:
Rend

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,2018	,0407	,7155	5,5765	3,0000	394,0000	,0009

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	1,9856	,4015	4,9448	,0000	1,1961	2,7750
CBQ	-,0616	,1193	-,5165	,6058	-,2962	,1730
TMMS	,3504	,1060	3,3043	,0010	,1419	,5589
Int_1	,0211	,0326	,6492	,5166	-,0429	,0851

Product terms key:

Int_1 : CBQ x TMMS

Test(s) of highest order unconditional interaction(s):

R2-chng	F	df1	df2	p	
X*W	,0010	,4215	1,0000	394,0000	,5166

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:
95,0000

----- END MATRIX -----

Moderação com as diferentes dimensões da Inteligência Emocional

Atenção

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 3.5.3 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
Documentation available in Hayes (2018). www.guilford.com/p/hayes3

Model : 1
Y : Rend
X : CBQ
W : TMMS_A

Sample
Size: 398

OUTCOME VARIABLE:
Rend

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
,0686	,0047	,7424	,6205	3,0000	394,0000	,6021

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	3,0194	,2482	12,1675	,0000	2,5315	3,5073
CBQ	,0986	,1146	,8611	,3897	-,1266	,3239
TMMS_A	,0807	,0669	1,2056	,2287	-,0509	,2123
Int_1	-,0226	,0285	-,7910	,4294	-,0786	,0335

Product terms key:

Int_1 : CBQ x TMMS_A

Test(s) of highest order unconditional interaction(s):

	R2-chng	F	df1	df2	p
X*W	,0016	,6256	1,0000	394,0000	,4294

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:
95,0000

----- END MATRIX -----

Clareza

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 3.5.3 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
Documentation available in Hayes (2018). www.guilford.com/p/hayes3

Model : 1
Y : Rend
X : CBQ
W : TMMS_C

Sample
Size: 398

OUTCOME VARIABLE:
Rend

Model Summary

R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
---	------	-----	---	-----	-----	---

,1808 ,0327 ,7215 4,4396 3,0000 394,0000 ,0044

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	2,4476	,2871	8,5265	,0000	1,8832	3,0119
CBQ	-,0101	,0594	-,1701	,8650	-,1269	,1067
TMMS_C	,2310	,0765	3,0210	,0027	,0807	,3814
Int_1	,0081	,0168	,4811	,6307	-,0249	,0411

Product terms key:

Int_1 : CBQ x TMMS_C

Test(s) of highest order unconditional interaction(s):

	R2-chng	F	df1	df2	p
X*W	,0006	,2314	1,0000	394,0000	,6307

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:
95,0000

----- END MATRIX -----

Recuperação

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 3.5.3 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
Documentation available in Hayes (2018). www.guilford.com/p/hayes3

Model : 1

Y : Rend

X : CBQ

W : TMMS_R

Sample

Size: 398

OUTCOME VARIABLE:

Rend

Model Summary

	R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
	,2044	,0418	,7147	5,7239	3,0000	394,0000	,0008

Model

	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI
constant	2,2960	,3146	7,2972	,0000	1,6774	2,9146
CBQ	-,0536	,0872	-,6143	,5394	-,2251	,1179
TMMS_R	,2492	,0778	3,2012	,0015	,0962	,4022
Int_1	,0215	,0238	,9036	,3668	-,0253	,0683

Product terms key:

Int_1 : CBQ x TMMS_R

Test(s) of highest order unconditional interaction(s):

	R2-chng	F	df1	df2	p
--	---------	---	-----	-----	---

X*W ,0020 ,8165 1,0000 394,0000 ,3668

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:
95,0000

----- END MATRIX -----

ANEXO I – Comparação entre Grupos

Nível de Arbitragem – *Cyberbullying*

Relatório

CBQ

Qual o nível mais alto que já arbitrou?	Média	N	Erro Desvio
Internacional	3,3478	23	3,78524
Nacional	1,4152	224	2,04478
Distrital	,9338	151	1,98215
Total	1,3442	398	2,21958

Tabela de ANOVA

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
CBQ * Qual o nível mais alto que já arbitrou?	Entre Grupos (Combinado)	118,898	2	59,449	12,783	,000
	Nos grupos	1836,944	395	4,650		
	Total	1955,842	397			

Comparações múltiplas

Variável dependente: CBQ

	(I) Qual o nível mais alto que já arbitrou?	(J) Qual o nível mais alto que já arbitrou?	Diferença média (I-J)	Erro Erro	Sig.	Intervalo de Confiança 95%	
						Limite inferior	Limite superior
Tukey HSD	Internacional	Nacional	1,93265*	,47218	,000	,8218	3,0435
		Distrital	2,41405*	,48269	,000	1,2785	3,5496
	Nacional	Internacional	-1,93265*	,47218	,000	-3,0435	-,8218
		Distrital	,48140	,22707	,087	-,0528	1,0156
	Distrital	Internacional	-2,41405*	,48269	,000	-3,5496	-1,2785
		Nacional	-,48140	,22707	,087	-1,0156	,0528
Scheffé	Internacional	Nacional	1,93265*	,47218	,000	,7725	3,0928
		Distrital	2,41405*	,48269	,000	1,2280	3,6001
	Nacional	Internacional	-1,93265*	,47218	,000	-3,0928	-,7725
		Distrital	,48140	,22707	,107	-,0765	1,0393
	Distrital	Internacional	-2,41405*	,48269	,000	-3,6001	-1,2280
		Nacional	-,48140	,22707	,107	-1,0393	,0765

*. A diferença média é significativa no nível 0.05.

Nível de Arbitragem – Inteligência Emocional

Relatório

Qual o nível mais alto que já arbitrou?		TMMS_A	TMMS_C	TMMS_R
Internacional	Média	3,5598	3,7011	4,1087
	N	23	23	23
	Erro Desvio	,90522	,52998	,42357
Nacional	Média	3,6099	3,7048	3,9470
	N	224	224	224
	Erro Desvio	,70818	,56955	,58287
Distrital	Média	3,6184	3,7094	4,0397
	N	151	151	151
	Erro Desvio	,76169	,69904	,67583
Total	Média	3,6102	3,7063	3,9915
	N	398	398	398
	Erro Desvio	,73926	,61840	,61331

Tabela de ANOVA

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
TMMS_A * Qual o nível mais alto que já arbitrou?	Entre Grupos (Combinado)	,069	2	,034	,062	,939
	Nos grupos	216,892	395	,549		
	Total	216,960	397			
TMMS_C * Qual o nível mais alto que já arbitrou?	Entre Grupos (Combinado)	,003	2	,001	,003	,997
	Nos grupos	151,817	395	,384		
	Total	151,820	397			
TMMS_R * Qual o nível mais alto que já arbitrou?	Entre Grupos (Combinado)	1,111	2	,556	1,480	,229
	Nos grupos	148,220	395	,375		
	Total	149,331	397			

Nível de Arbitragem – Desempenho

Descritivos

Rendimento

	N	Média	Erro Desvio	Erro Erro	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
					Limite inferior	Limite superior		
Internacional	23	3,9652	,72777	,15175	3,6505	4,2799	2,00	5,00
Nacional	224	3,4393	,77417	,05173	3,3373	3,5412	1,00	5,00
Distrital	151	3,0702	,91803	,07471	2,9226	3,2178	1,00	5,00
ANOVA						3,4144	1,00	5,00
Rendimento								
		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.		
Entre Grupos	22,148	2	11,074	16,098	,000			
Nos grupos	271,722	395	,688					
Total	293,870	397						

Correlações

		CBQ	TMMS	TMMS_At enção	TMMS_Cl areza	TMMS_Re cuperação	Rendiment o
CBQ	Correlação de Pearson	1	-,044	,113*	-,079	-,153**	,030
	Sig. (2 extremidades)		,382	,024	,114	,002	,556
	N	398	398	398	398	398	398
TMMS	Correlação de Pearson	-,044	1	,632**	,740**	,674**	,196**
	Sig. (2 extremidades)	,382		,000	,000	,000	,000
	N	398	398	398	398	398	398
TMMS_Atensão	Correlação de Pearson	,113*	,632**	1	,144*	,028	,050
	Sig. (2 extremidades)	,024	,000		,004	,576	,315
	N	398	398	398	398	398	398
TMMS_Clareza	Correlação de Pearson	-,079	,740**	,144**	1	,432**	,174**
	Sig. (2 extremidades)	,114	,000	,004		,000	,000
	N	398	398	398	398	398	398
TMMS_Recuperação	Correlação de Pearson	-,153**	,674**	,028	,432**	1	,190**
	Sig. (2 extremidades)	,002	,000	,576	,000		,000
	N	398	398	398	398	398	398
Rendimento	Correlação de Pearson	,030	,196**	,050	,174**	,190**	1
	Sig. (2 extremidades)	,556	,000	,315	,000	,000	
	N	398	398	398	398	398	398

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).